

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LETRAS – ESPANHOL E LITERATURAS DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA**

Catherine Paula Rech

**SUBJETIVIDADE, HUMOR E ARGUMENTAÇÃO: CONSIDERAÇÕES
ANALÍTICAS SOBRE O *ETHOS* EM TEXTOS JORNALÍSTICOS**

Santa Maria, RS
2018

Catherine Paula Rech

**SUBJETIVIDADE, HUMOR E ARGUMENTAÇÃO: CONSIDERAÇÕES
ANALÍTICAS SOBRE O *ETHOS* EM TEXTOS JORNALÍSTICOS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Licenciada em Letras – Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola.**

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ivani Cristina Silva Fernandes

Santa Maria, RS
2018

Catherine Paula Rech

**SUBJETIVIDADE, HUMOR E ARGUMENTAÇÃO: CONSIDERAÇÕES
ANALÍTICAS SOBRE O *ETHOS* EM TEXTOS JORNALÍSTICOS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Licenciada em Letras – Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola**.

Aprovado em 09 de julho de 2018:

Ivani Cristina Silva Fernandes, Dr.^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Juan Jorge Fernández Marrero, Dr. (UFSM)

Célia Helena de Pelegrini Della Méa, Dr.^a (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

*A todos aqueles que fazem da
cumplicidade uma realidade vivida e sem
fronteiras.*

*Em especial, à memória daquele que me
faz entender que, se existe amor, a morte
nunca é o fim.*

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho ocorreu, principalmente, pelo auxílio, compreensão e dedicação de algumas pessoas. Agradeço a todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para a realização deste estudo e, de maneira especial, agradeço:

À Prof.^a Ivani Cristina Silva Fernandes, minha orientadora, pelas pertinentes considerações e pela sempre atenta leitura das versões desta monografia.

Aos professores e colegas do Curso de Licenciatura em Letras – Espanhol pelas contribuições ao longo da minha trajetória acadêmica.

Aos professores Juan Jorge Fernández Marrero e Célia Helena de Pelegrini Della Mía, por terem aceitado o convite para compor a banca de avaliação desta monografia.

À Universidade Federal de Santa Maria, pública e gratuita, por me permitir as mais enriquecedoras vivências e a concretização deste estudo.

Aos meus amigos, pelas discussões técnicas e teóricas e pela compreensão por meus momentos de ausência.

À minha família, pela compreensão e pelo apoio.

RESUMO

SUBJETIVIDADE, HUMOR E ARGUMENTAÇÃO: CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS SOBRE O *ETHOS* EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

AUTORA: Catherine Paula Rech

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Ivani Cristina Silva Fernandes

O presente estudo tem por objetivo compreender a constituição do *ethos* discursivo em textos jornalísticos a partir da análise de pistas enunciativas, discursivas e pragmáticas mapeadas em nosso *corpus* de pesquisa, as quais produzem efeitos de sentido baseados no irônico como forma de significação do humor. A perspectiva teórica deste trabalho está fundamentada nos pressupostos da Linguística da Enunciação, nas noções relacionadas ao conceito de *ethos* discursivo e seu lugar no âmbito da argumentação, nos aspectos associados ao artigo de opinião e, por fim, nas noções de humor e de ironia. Dessa forma, entendemos que, a partir desse viés, podemos compreender os processos de constituição de uma imagem de si, o *ethos* discursivo, por meio de determinados mecanismos linguísticos utilizados no momento da enunciação e dos efeitos de sentido imbricados na linguagem. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos, como *corpus* de análise, artigos do comediante espanhol Joaquín Reyes, publicados no jornal *El País*, em uma seção denominada *Porque lo digo yo*, durante o período de 11 de maio de 2015 a 27 de fevereiro de 2017. Em decorrência dessa análise enunciativa, podemos identificar aspectos específicos da língua espanhola em determinados contextos de utilização e que esboçam características discursivas do locutor. Além do mais, os processos de construção de imagens discursivas em gêneros textuais de tendência argumentativa são um aporte significativo para o estudo da argumentação, já que essas análises permitem traçar as distintas estratégias argumentativas utilizadas pelo locutor. Em síntese, as noções aqui apresentadas se relacionam a uma discussão que permite focar a importância da materialidade linguística, conjugada aos efeitos de sentido, em um discurso de natureza argumentativa.

Palavras-chave: *Ethos*. Enunciação. Argumentação. Humor. Artigo jornalístico.

RESUMEN

SUBJETIVIDAD, HUMOR Y ARGUMENTACIÓN: CONSIDERACIONES ANALÍTICAS SOBRE EL *ETHOS* EN TEXTOS PERIODÍSTICOS

AUTORA: Catherine Paula Rech

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Ivani Cristina Silva Fernandes

El presente estudio tiene como objetivo comprender la constitución del *ethos* discursivo en textos periodísticos a partir del análisis de pistas enunciativas, discursivas y pragmáticas mapeadas en nuestro *corpus* de investigación, las cuales producen efectos de sentido basados en el irónico como significación del humor. La perspectiva teórica de este trabajo está fundamentada en los presupuestos de la Lingüística de la Enunciación, en las nociones relacionadas al concepto de *ethos* discursivo y su lugar en el ámbito de la argumentación, en los aspectos asociados al artículo de opinión y, por fin, en las nociones de humor y de ironía. De esa forma, entendemos que, a partir de esa perspectiva, es posible comprender los procesos de constitución de una imagen de sí, el *ethos* discursivo, por medio de determinados mecanismos lingüísticos utilizados en el momento de la enunciación y de los efectos de sentido imbricados en el lenguaje. Para el desarrollo de la investigación, utilizamos, como *corpus* de análisis, artículos del comediante español Joaquín Reyes, publicados en el periódico *El País*, en una sección denominada *Porque lo digo yo*, durante el periodo de 11 de mayo de 2015 hasta 27 de febrero de 2017. En consecuencia de ese análisis enunciativo, podemos identificar aspectos específicos de la lengua española en determinados contextos de utilización y que esbozan características discursivas del locutor. Además, los procesos de construcción de imágenes discursivas en géneros textuales de tendencia argumentativa son un aporte significativo para el estudio de la argumentación, una vez que tales análisis permiten trazar las distintas estrategias argumentativas utilizadas por el locutor. En síntesis, las nociones aquí presentadas se relacionan a una discusión que permite focalizar la importancia de la materialidad lingüística, conjugada a los efectos de sentido, en un discurso de naturaleza argumentativa.

Palabras-clave: *Ethos*. Enunciación. Argumentación. Humor. Artículo periodístico.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – A constituição do <i>ethos</i> em Maingueneau (2008)..... | 20 |
|--|----|

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| | CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 9 |
| 1 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 13 |
| 1.1 | LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO: AS MARCAS DO SUJEITO NA LÍNGUA | 13 |
| 1.2 | <i>ETHOS</i> : O PERFIL DISCURSIVO DO SUJEITO | 17 |
| 1.3 | O <i>ETHOS</i> NO QUADRO DA ARGUMENTAÇÃO..... | 21 |
| 1.4 | ARTIGO DE OPINIÃO: A ENUNCIÇÃO NO TEXTO JORNALÍSTICO | 26 |
| 1.5 | RETÓRICA, HUMOR E IRONIA: UMA PROPOSTA DE APROXIMAÇÃO | 29 |
| 2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 38 |
| 2.1 | DEFINIÇÃO DO MÉTODO | 39 |
| 2.2 | COMPOSIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA | 41 |
| 3 | CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS | 44 |
| 3.1 | “ <i>PORQUE LO DIGO YO</i> ”: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE..... | 44 |
| 3.2 | A QUESTÃO DAS CONSTRUÇÕES LINGUÍSTICAS BASEADAS NO HUMOR E NA IRONIA | 45 |
| 3.3 | O ESBOÇO DO <i>ETHOS</i> A PARTIR DOS EFEITOS DE SENTIDO EMERGIDOS NA MATERIALIDADE LINGUÍSTICA E SUAS ARTICULAÇÕES COM A PRÁTICA DOCENTE | 53 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 57 |
| | REFERÊNCIAS | 60 |
| | ANEXOS | 64 |
| | ANEXO A – ARTIGOS DE JOAQUIN REYES | 64 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Porque lo digo yo”. Polêmico? Irônico? Egocêntrico? Categórico? Sarcástico? Certamente, reflexões dessa natureza vêm à tona no momento em que nos deparamos com esse tipo de enunciado. Em um contexto de questionamentos na área dos estudos linguísticos, algumas perguntas são sempre pertinentes: o que significam tais noções? Quais os efeitos de sentido que emergiriam dessa construção se a mesma fosse título de uma determinada coluna de jornal? Qual o “tom” dos textos ali publicados? Quais as particularidades desses textos? Quem os escreve? É justamente neste cenário que a nossa pesquisa se estabelece e se desenvolve.

A perspectiva teórica deste trabalho está baseada nos pressupostos da Linguística da Enunciação, nas noções relacionadas ao conceito de *ethos* discursivo e seu lugar no âmbito da argumentação, nos aspectos associados ao artigo jornalístico de opinião e, nesse ponto, para discutir as questões relacionadas ao texto, nos fundamentamos na Linguística Textual e, por fim, a partir de diferentes áreas, nos aspectos referentes às noções de humor e de ironia. Dessa forma, entendemos que, a partir desse viés, podemos compreender os processos de constituição de uma imagem de si, o *ethos* discursivo, por meio de determinados mecanismos linguísticos utilizados no momento da enunciação e os efeitos de sentido imbricados na linguagem.

Com relação aos procedimentos metodológicos, nossa pesquisa está baseada nos princípios do paradigma indiciário de Ginzburg (1989), cujo estudo considera as características e os indícios para construir uma análise sobre um objeto complexo. Sendo assim, para este trabalho, nosso objeto de estudo são os indícios do *ethos* discursivo de Joaquín Reyes, comediante espanhol, a partir de artigos publicados no jornal espanhol *El País*, em uma seção denominada *Porque lo digo yo*. Entendemos que, por meio da análise das pistas enunciativas, discursivas e pragmáticas desses textos, é possível traçar a imagem discursiva do locutor de Joaquín Reyes.

Nosso interesse pelas produções de Joaquín Reyes surgiu, principalmente, da relação existente com a nossa formação de professor de Espanhol como Língua Estrangeira (E.L.E). Portanto, adveio da necessidade e da relevância do desenvolvimento e do aperfeiçoamento do nosso olhar analítico diante de construções argumentativas. Nesse aspecto, entendemos o gênero artigo jornalístico como um importante artefato de observação, uma vez que se apresenta como um dos principais organizadores de discursos de base argumentativa. Além

disso, levamos em consideração a tradição do jornal *El País*, veículo de comunicação em circulação na Espanha desde 1976.

A partir disso, cabe ao analista e investigador, de acordo com o lugar teórico que ocupa, explorar as materialidades disponíveis na busca de uma maior compreensão do seu funcionamento e dos processos e das possibilidades de produção de sentidos. Nesse contexto, a construção enunciativa do sujeito é o eixo que nos orienta, uma vez que a materialidade linguística, analisada de forma isolada, representa pouco sem estar relacionada com o sentido, já que daria uma ideia de dimensão apenas estrutural. Além do mais, a compreensão acerca da forma e do sentido se apresenta incompleta se não está analisada a partir da construção do sujeito¹. É nesse âmbito que os estudos da Linguística da Enunciação nos guiam: a questão de como o sujeito se constrói no texto e quais os efeitos de sentido que emergem das construções.

Nessa perspectiva, partimos do pressuposto de que a linguagem compreende o lugar em que o indivíduo se constrói como sujeito. Esta é, segundo Flores (2013), a tese central da teoria enunciativa de Benveniste (1989 [1958]): *o homem está na língua*. Em outras palavras, o homem se marca na língua, se singulariza na língua e se propõe como sujeito na língua, porque é fundado simbolicamente na e pela linguagem. E é por meio dessa vinculação do homem com a linguagem que Benveniste introduz o tema da subjetividade, definida como a “capacidade do locutor para se propor como sujeito” (BENVENISTE, 1989 [1958]: 286). Cabe destacar, uma vez mais, que o termo “sujeito” não se trata do sujeito empírico, mas sim, do sujeito da linguagem. Portanto, o que nos interessa são as marcas do sujeito naquilo que ele diz.

Com base nesses propósitos, consideramos que a articulação entre forma e sentido é de grande relevância para os professores de línguas estrangeiras e de línguas maternas, pois permite explicitar questões relacionadas à língua em uso e possibilitam o esboço de identidade(s) cultural(ais) dos enunciadores imbricados no uso da língua(gem). Em outras palavras, as marcas do sujeito na língua que são, de certa forma, “projetadas” na materialidade linguística, permitem que discutamos questões referentes à subjetividade na linguagem.

Assim sendo, consideramos que a essência das reflexões acadêmicas que debatem a questão da linguagem no ensino perpassa pelo âmbito da Linguística da Enunciação, pelas noções de argumentação e de suas relações com o *ethos* discursivo e implicam a questão da

¹ Entendemos a noção de sujeito como uma construção discursiva, ou seja, como uma decorrência da apropriação feita pelo locutor. É, segundo Émile Benveniste (1989), o efeito de constituição do homem na e pela linguagem.

subjetividade e da construção de imagens discursivas. Em decorrência dessa análise enunciativa, podemos identificar aspectos específicos da língua espanhola em determinados contextos de utilização e que esboçam características discursivas do enunciador.

Além do mais, os processos de construção de imagens discursivas em gêneros textuais de tendência argumentativa são um aporte significativo para o estudo da argumentação, já que essas análises permitem traçar as distintas estratégias argumentativas do locutor. Nesse sentido, a análise da argumentação do comediante espanhol Joaquín Reyes possibilita delinear uma ideia sobre esta tipologia em textos de língua espanhola. Tal reflexão contribui para a formação de professores de espanhol, pois evidenciará nuances argumentativos característicos desse idioma. Em síntese, as noções aqui apresentadas se relacionam a uma discussão que permite focar a importância da materialidade linguística, conjugada aos efeitos de sentido, em um discurso de natureza argumentativa aliado a outros elementos.

Desse modo, este trabalho se estrutura em três capítulos centrais: “Fundamentação Teórica”, “Processos Metodológicos” e “Considerações Analíticas”. Além disso, contamos com as considerações iniciais, as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos, nos quais apresentamos nosso *corpus* de análise, na íntegra. Neste primeiro tópico, como considerações iniciais, procuramos apontar, basicamente, os objetivos, as motivações, a relevância e os parâmetros teóricos e metodológicos do trabalho.

O primeiro capítulo, nomeado como “Fundamentação Teórica”, está subdividido em cinco seções intituladas: (1) “Linguística da Enunciação e as marcas do sujeito na língua”; (2) “*Ethos*: o perfil discursivo do sujeito”; (3) O *ethos* no quadro da argumentação; (4) “Artigo de opinião: a enunciação no texto jornalístico”; e (5) “Retórica, humor e ironia: uma proposta de aproximação”. É a partir de tais perspectivas teóricas que buscamos encontrar as respostas para nossos questionamentos iniciais, apontando nossa interpretação e nosso posicionamento no que tange a tais aspectos.

O segundo capítulo, designado “Procedimentos Metodológicos”, encontra-se subdividido em duas seções: (1) “Definição do método”; e (2) “Composição do *corpus* e desenvolvimento da pesquisa”. Nesse capítulo, especificamos, sobretudo, os passos que seguimos para o desenvolvimento do trabalho. Sendo assim, apresentamos a definição do método de análise e o processo de coleta e de composição do nosso *corpus*.

O terceiro capítulo, identificado como “Considerações Analíticas”, está subdividido em três seções intituladas: (1) “‘Porque lo digo yo’: a construção de uma identidade”; (2) “A questão das construções linguísticas baseadas no humor e na ironia;” e (3) “O esboço do *ethos* a partir dos efeitos de sentido emergidos na materialidade linguística e suas articulações com

a prática docente”. Desse modo, em tal capítulo, demonstramos, por meio de análises do *corpus*, as questões norteadoras do presente trabalho. Nesse caso, buscamos discutir as principais impressões e características do *corpus* de pesquisa, além de fazer um esboço de como concebemos o *ethos* discursivo do locutor para, ao fim, relacionar esse movimento com a prática docente.

Nas considerações finais, o último tópico deste trabalho, recapitulamos algumas noções apresentadas ao longo da pesquisa e retomamos os principais resultados alcançados. Para finalizar, apresentamos as referências bibliográficas que nos aportaram neste estudo e, também, os anexos, contendo os textos que utilizamos para as análises.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, buscamos realizar algumas considerações de cunho teórico sobre os principais conceitos empregados no desenvolvimento deste trabalho. Para tanto, perpassando, principalmente, pelo âmbito da Linguística da Enunciação, procuramos discutir a constituição do *ethos* discursivo e os efeitos de sentido que emergem da materialidade linguística, nesse caso, em artigos jornalísticos de dimensão argumentativa. Nesse ponto, para discutir as noções relacionadas, especificamente, ao texto, utilizamos os pressupostos da Linguística Textual. Além disso, para finalizar, apresentamos os pressupostos teóricos, a partir de várias áreas, sobre as noções de humor e de ironia. Cabe destacar que tal explanação se torna necessária para que possamos apontar nosso lugar teórico diante dos aspectos aqui apresentados.

1.1 LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO: AS MARCAS DO SUJEITO NA LÍNGUA

Ao considerar que o presente trabalho ensaia uma reflexão sobre as marcas do sujeito no enunciado e seus possíveis efeitos de sentido, entendemos a Linguística da Enunciação como a perspectiva teórica basilar para nossos estudos. Tal perspectiva enunciativa implica levar em consideração a dinâmica que compreende o esboço do sujeito, o *ethos* discursivo e a produção de sentidos gerados por meio de mecanismos linguísticos empregados na materialidade linguística. Sendo assim, buscamos evidenciar as relações da língua não apenas como um sistema combinatório, mas como uma linguagem assumida por um sujeito.

Segundo Flores e Teixeira (2013), a Linguística da Enunciação se configura como um campo constitutivamente heterogêneo e que abarca várias teorias que contribuem para uma reflexão consistente sobre os fenômenos enunciativos. Em vista disso, a enunciação toma para si os estudos dos processos de como o homem se marca na língua, ou seja, refere-se não apenas ao estudo das marcas linguísticas no enunciado, como também o processo de sua produção: a imagem do sujeito² em um determinado espaço e tempo, no qual ocorre a enunciação.

Nessa perspectiva, a Linguística da Enunciação permite compreender a dinâmica da produção de sentidos e o esboço do sujeito discursivo por meio de aspectos emergidos na materialidade linguística das produções textuais e discursivas. Esse viés, de acordo com

² Convém reiterar que a Linguística da Enunciação centra-se no estudo das representações do sujeito que enuncia e não o próprio sujeito psicobiológico, uma vez que este é objeto de outras áreas.

Flores (2013), se diferencia dos demais estudos linguísticos, uma vez que a enunciação apresenta-se como uma reflexão sobre o dizer e não propriamente sobre o dito. Nesse aspecto, podemos determinar um tópico que une as teorias da enunciação: os mecanismos de produção de sentidos. Em linhas gerais, de acordo com Flores et al. (2009), em seu Dicionário de Linguística da Enunciação, os mecanismos, as marcas, as operações são os elementos que indicam a relação do dizer com o dito e da enunciação com o enunciado.

Ao tratarmos de tais questões, devemos nos reportar àquele que é considerado como o principal representante do que se convencionou chamar de *teoria da enunciação*: o linguista Émile Benveniste. Suas reflexões traçam o retorno³ da Linguística aos grandes temas que cercam a natureza humana e, nesse sentido, apresentam meios de tratar do *homem na língua*, seu grande axioma. Em outras palavras, o referido autor se apresenta como o primeiro linguista, a partir do quadro saussuriano, a desenvolver um modelo de análise da língua especificamente voltado para a enunciação, daí a sua importância.

É importante destacar que, para Benveniste, o conceito de “enunciação” é amplo, não diretivo e caracterizado por uma não unicidade. Isso se deve à impossibilidade de se afirmar que seus textos formam um conjunto linear e homogêneo, uma vez que foram produzidos em momentos diferentes, para várias áreas (psicologia, antropologia, sociologia, etc.), para distintos interlocutores (linguistas ou não) e em diferentes veículos de divulgação. Em síntese, cada texto de Benveniste dedicado ao estudo da enunciação propõe características de análise, teoriza sobre elas e as desenvolve dentro desses limites propostos.

Tais aspectos são amplamente destacados pelo linguista brasileiro Valdir do Nascimento Flores, cuja obra também embasa nossa pesquisa no que diz respeito ao campo da Linguística da Enunciação. Vale ressaltar que os estudos referentes à área da enunciação no Brasil ainda não tiveram um tratamento sistematizado. Nesse ponto, reside a relevância dos estudos de Valdir Flores para o cenário linguístico brasileiro: é por meio de suas obras, a exemplo de Dicionário da Linguística da Enunciação (2009), de Introdução à Linguística da Enunciação (2013) e de Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste (2013), que o autor oferece subsídios para uma maior precisão terminológica na área, o que, conseqüentemente, coopera para a autonomia do campo da enunciação nos estudos da linguagem no Brasil.

A partir de tais considerações, destacamos que, para Benveniste, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE,

³ Para Benveniste, a enunciação comporta uma estrutura, um aparelho formal, o que remete a Saussure quando este concebeu a língua como um sistema, entretanto, essa estrutura passa a ser reconceituada por Benveniste ao considerar o sujeito como parte dela. Daí o emprego da noção de “retorno”.

[1970] 2006, p. 82) o que, por sua vez, “supõe a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 83). Segundo o autor, o aparelho formal da enunciação é o dispositivo que permite esse processo de conversão e, ao mobilizá-lo, o enunciador produz uma enunciação a cada vez única e irrepitível. Portanto, esse aparelho nada mais é do que a marcação da subjetividade na estrutura da língua.

Nesse aspecto, há diferentes perspectivas de enfoque da noção de subjetividade na teoria benvenistiana, e elas nem sempre são convergentes. Isso se dá porque, como já comentamos anteriormente, Benveniste teorizou sobre o tema em distintos contextos teóricos. Dessa forma, a questão da subjetividade não pode ser desvinculada do contexto em que fora produzida. Tomamos, aqui, como base o texto “Da subjetividade na linguagem”, no qual esta é definida como a capacidade do locutor para se propor como sujeito. E cada locutor se apresenta como sujeito remetendo a si mesmo como *eu* no seu discurso. Ou seja, o fundamento linguístico da subjetividade se determina pelo *status* linguístico de pessoa.

Em outras palavras, a Linguística da Enunciação se relaciona ao campo da irrepitibilidade, pois se trata da abordagem de um objeto no qual se inclui o sujeito. Segundo Flores e Teixeira (2013), “a enunciação é sempre única e irrepitível, porque a cada vez que a língua é enunciada tem-se condições de tempo (agora), espaço (aqui) e pessoa (eu/tu) singulares” (FLORES e TEIXEIRA, 2013, p. 100). Sendo assim, cada análise da linguagem também é única, pois o uso que é feito do aparelho formal da enunciação é sempre singular e sempre terá uma referência diferente a cada instância em que é enunciado.

Por esse motivo, enquanto realização individual, a enunciação pode ser considerada como um processo de apropriação. O locutor⁴ se apropria do aparelho formal da língua e deixa como materialidade de sua manifestação o enunciado. Dessa maneira, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele estabelece o outro diante de si, uma vez que toda enunciação postula um alocutário, caracterizando, assim, a relação “eu-tu” da intersubjetividade. E a isso chamamos de cena enunciativa.

Em linhas gerais, no processo enunciativo, a linguagem não pode ser vista como um mero instrumento de comunicação, dado que, para Benveniste, “a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, [1958] 1976, p. 285). Além disso, o autor afirma que “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, porque só a linguagem

⁴ Entendemos a noção de locutor a partir da perspectiva de Benveniste. Desse modo, o locutor é considerado o indivíduo definido pela construção linguística particular de que ele se serve quando se enuncia. Essa construção linguística é constituída por indicadores tais como eu e tu, que não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor (FLORES, 2013, p. 124).

fundamenta na realidade” (BENVENISTE, [1958] 1976, p. 286). Observamos, nesse ponto, que a linguagem é a condição para a constituição do sujeito e é no enunciado que ele deixa suas marcas.

Como define Flores et al. (2009), o enunciado é a manifestação da enunciação, produzida a cada vez que se fala, ou seja, na medida em que a enunciação é processo, o enunciado pode ser considerado o produto da enunciação e inclui pessoa, tempo e espaço. O enunciado tem existência em um determinado momento em que a língua é mobilizada por um locutor (FLORES et al., 2009, p.107). Portanto, as teorias que formam o campo da Linguística da Enunciação tratam da questão da subjetividade na linguagem a partir das marcas que um sujeito deixa na materialidade cada vez que toma a palavra.

Desse modo, acreditamos que, por meio dos mecanismos linguísticos imbricados no enunciado e dos efeitos de sentido que provocam, seja possível identificar elementos que guiem a um esboço da imagem do sujeito. Nesse contexto, de acordo com Flores et al. (2008):

Estudar a linguagem do prisma de uma teoria da enunciação é estudá-la do ponto de vista semântico. Isso não significa que os demais níveis de análise linguística não sejam contemplados pelas teorias enunciativas. É uma questão de ponto de vista: o núcleo de qualquer teoria enunciativa é o sentido. Dessa forma, todos os níveis da análise linguística (morfologia, sintaxe, fonologia, etc.) estão submetidos ao sentido (FLORES et al., 2008, p. 33).

Destacamos, nesse contexto, os aspectos da transversalidade enunciativa concebida por Benveniste em seu texto intitulado “A enunciação e os níveis da análise linguística”, no qual o autor considera que a noção de nível é essencial na determinação do procedimento de análise, porque somente ela é capaz de fazer justiça à natureza articulada da linguagem e ao caráter discreto dos seus elementos. Sendo assim, Flores (2010) afirma que “a transversalidade enunciativa releva de uma inter-relação entre os níveis canonicamente considerados pela linguística clássica sem se reduzir a eles” (FLORES, 2010, p. 402). A partir desse pressuposto, podemos considerar que a enunciação é um ponto de vista da análise que incide em cada um dos níveis separadamente e/ou em inter-relação.

Com essa ideia de transversalidade queremos enfatizar o fato de que a enunciação, enquanto um “ato individual de enunciação” (BENVENISTE, [1970] 2006, p. 82), atinge todos os níveis da língua. Em linhas gerais, podemos dizer que o locutor, quando enuncia, se apresenta como sujeito da enunciação, ou seja, se apresenta nos termos de uma organização linguística específica em uma determinada situação espaço-temporal. Dessa forma, uma consequência de tal noção é que as ditas marcas da enunciação passam a ser vistas de outra

maneira: elas não se restringem apenas a elementos dêiticos, modalizadores, adjetivos ou outras classes de palavras.

Compreendemos, assim, as marcas da enunciação como um mecanismo utilizado pelo locutor para se singularizar em uma dada situação espaço-temporal. Nesse sentido, está evidente que a enunciação deixa marcas em toda a língua: na sintaxe, no léxico, na morfologia, e, também, nos elementos não segmentais da língua. E é isso que nos leva, baseando-nos em Flores (2010), a defender a tese da transversalidade da enunciação: se enunciar é construir mecanismos que singularizam um locutor, tornando-o sujeito, então esse mecanismo não pode ser tomado na linearidade. Ele atravessa a língua em seu conjunto.

De todas as formas, tais discussões implicam questionarmos sobre a questão do *ethos* discursivo – o conjunto de parâmetros relacionados ao orador, ou ainda, a imagem que o orador pretende dar de si próprio – enquanto efeito de sentido construído na enunciação. É o que trataremos a seguir.

1.2 *ETHOS*: O PERFIL DISCURSIVO DO SUJEITO

Desde a Antiguidade Clássica, a noção do *ethos* é explorada na obra Retórica, de Aristóteles. Tal noção designa as virtudes morais para se garantir a credibilidade e abarca uma dimensão social, uma vez que sua expressão deveria se adequar a seu caráter e a seu tipo social. Sendo assim, Aristóteles reconhece o valor da imagem discursiva do indivíduo no momento de assumir uma postura adequada às estratégias que levariam o auditório a aceitar determinadas teses, o que caracteriza um processo interativo de influência sobre o outro. É importante destacar que a questão do *ethos* está presente no âmbito dos estudos enunciativos, discursivos e pragmáticos, no entanto, acreditamos que a confluência entre tais áreas nos permite uma análise mais ampla do nosso *corpus*.

Nesse sentido, na Retórica de Aristóteles, o *ethos*, juntamente com o *pathos* (procedimentos que visam a suscitar as paixões do auditório) e o *logos* (apelo à razão por meio dos argumentos), compõe a tríade aristotélica dos meios de prova. Em outras palavras, de acordo com o autor, as provas de persuasão fornecidas pelo discurso podem ser de três espécies: umas residem no caráter moral do orador (*ethos*), outras no modo como se dispõe o ouvinte (*pathos*); e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar (*logos*).

Dessa forma, Amossy (2005), fundamentada na Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca, a qual compartilha dos princípios da Retórica de Aristóteles, considera que

um conjunto formado pela imagem do orador, seu discurso, sua função e sua posição social estabelece a eficiência de seu desempenho argumentativo e os efeitos persuasivos sobre seu auditório. Portanto, segundo a autora, a imagem formada do orador pelo auditório é constituída a partir de um discurso que deve se ajustar a uma determinada situação comunicativa em função de um público definido pelas suas expectativas.

Maingueneau (2008), por sua vez, comenta que o *ethos* se relaciona com a “maneira de dizer”, uma vez que tal aspecto autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si e, com isso, contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro. Em outros termos, o *ethos* está relacionado a uma identidade formulada por meio de uma enunciação e o esboço desta imagem é (co)construída pelo interlocutor enquanto entidade discursiva. Por conseguinte, a noção de *ethos* não constitui apenas a imagem discursiva do enunciador, mas, também, a participação do *outro* em sua articulação.

Conforme o autor, o locutor não precisa dizer de/sobre si, pois uma representação de si emerge no enunciado e é identificada na materialidade linguística. Ou seja, o interlocutor realiza uma representação do enunciador antes mesmo que ele enuncie. Em vista disso, o *ethos* discursivo está vinculado com a enunciação, uma vez que o *ethos* é esboçado na materialidade linguística a partir da própria enunciação.

Com isso, o *ethos* apresenta uma dimensão verbal e outra dimensão visual, o que alguns autores caracterizam como a imagem do “fiador”, uma construção que se dá a partir das percepções do interlocutor. Assim sendo, para Maingueneau (2008),

Esse *ethos* recobre não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligadas ao “fiador” pelas representações coletivas estereotípicas. Assim, atribui-se a ele um “caráter” e uma “corporalidade”, cujos graus de precisão variam segundo os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se. Mais além, o *ethos* implica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. O destinatário a identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar (MAINGUENEAU, 2008, p. 18).

Cabe ressaltar que a confluência que há entre a noção do *ethos* da Retórica Clássica e o da Linguística é que ambas o consideram como a articulação de uma imagem que o orador apresenta sobre si no discurso. Nesse aspecto, o *ethos* configura-se como a voz do fiador ou o tom que o enunciador insere em seu texto com a finalidade não apenas de persuadir, mas de aderir ao (co)enunciador, propiciando, inversamente, sua adesão ao *logos* que lhe apresenta. Com efeito, “o lugar que engendra o *ethos* é o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se

mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele” (EGGS, 2005, p. 31). A partir disso, emerge um questionamento: como o *ethos* é mostrado no discurso?

Como indica Fiorin (2015), “o *ethos* explicita-se na enunciação enunciada, ou seja, nas marcas da enunciação deixadas no enunciado” (FIORIN, 2015, p. 70). Dessa forma, para mostrar uma imagem positiva de si mesmo, o orador pode valer-se de três qualidades fundamentais: a *phrónesis* (bom senso, prudência e ponderação); a *areté* (virtudes da coragem, justiça e sinceridade); e a *eúnoia* (benevolência e solidariedade). Assim sendo, para determinar o *ethos* de um enunciador, é necessário estabelecer uma totalidade da produção de um sujeito enunciativo. Neste contexto, surge uma nova pergunta bastante pertinente para as discussões do nosso trabalho: onde se encontram, na materialidade discursiva, as marcas do *ethos* do enunciador?

Dentro dessa totalidade, procuram-se recorrências em qualquer elemento composicional do discurso ou do texto: na escolha do assunto, na construção dos personagens, nos gêneros escolhidos, no nível de linguagem usado, no ritmo, na figurativização, na escolha dos temas, etc. Em um jornal, por exemplo, a imagem do enunciador se mostra até mesmo no tamanho das letras utilizadas, no número de colunas ocupadas pela manchete e, também, no próprio nome da coluna. Sobre tais elementos nos debruçaremos na sequência do presente estudo.

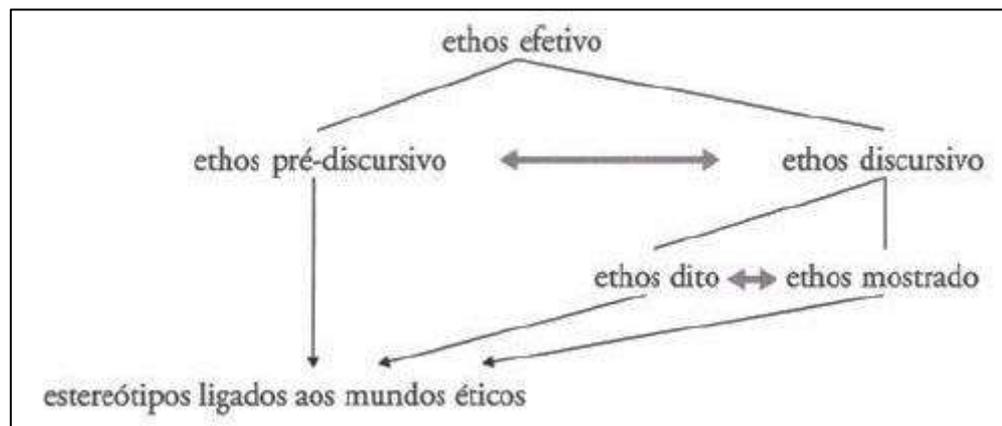
Nesse sentido, quando afirmamos que a análise das marcas linguísticas pretende reconstituir uma imagem, entendemos que, na materialidade do discurso, existem determinadas regularidades que permitem identificar um estilo que caracteriza o locutor. E são estes traços que permitem que a representação seja reconstruída por meio de análises baseadas na descrição e na interpretação destas estruturas.

A partir do exposto, levando em consideração que o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, reafirmamos que não se pode ignorar que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. Nessa perspectiva, o *ethos* deixa de ser atribuído a um orador – sujeito empírico, não restrito a uma imagem que emerge do enunciado, mas um ser psicobiológico – e passa a ser atribuído a uma corporeidade discursiva, que pode ser (re)constituída por meio das marcas que o(s) sujeito(s) deixam no discurso. Nesse contexto, Maingueneau (2008) apresenta uma crucial distinção entre o *ethos discursivo* e o *ethos pré-discursivo*.

Para o autor, o *ethos pré-discursivo* é a imagem que o locutor cria antes da enunciação do locutor, seja por evidências, comportamentos, dados, gestos, etc. e o *ethos discursivo*, por sua vez, é a imagem criada durante ou depois da ação do orador. Dessa forma, o *ethos*

discursivo engloba o *ethos dito* e o *ethos mostrado*. O primeiro é criado a partir das referências diretas do enunciador, enquanto o segundo está no domínio do não explícito, da imagem que não está diretamente representada no texto, mas é construída pelas “pistas” que o enunciador oferece ao (co)enunciador no momento discursivo. Observemos o esquema que segue sobre a constituição do *ethos*.

Figura 1 – A constituição do *ethos* em Maingueneau (2008):



Fonte: MAINGUENEAU, 2008, p. 19.

Em síntese, segundo o esquema proposto acima, o *ethos* compõe-se de duas partes: o *ethos pré-discursivo* e o *ethos discursivo*. Essas duas categorias relacionam-se mutuamente a partir do momento em que o *ethos pré-discursivo* pode ou não ser confirmado pelo *ethos discursivo*. E, por fim, na base do esquema estão os estereótipos, por meio dos quais o (co)enunciador utiliza-se de representações pré-construídas para atribuir características ao enunciador. O que podemos concluir dessas concepções é que a eficácia e a competência discursivas não se relacionam apenas com o fato de determinar o assentimento de um (co)enunciador, mas ao fato de comprovar o convencimento do que se diz no próprio ato enunciativo.

Com isso, queremos destacar, com base em Maingueneau, que a imagem do fiador - enquanto uma “voz” indissociável de um corpo enunciante historicamente situado - atribui ao sujeito uma identidade. E tal identidade tem a necessidade de ser coerente com o discurso, com o contexto no qual pretende legitimar-se e com o público que pretende mobilizar. Com efeito, em palavras de Maingueneau, “cremos que a adesão do destinatário se opera por um escoramento recíproco entre a cena da enunciação, da qual o *ethos* participa, e o conteúdo nela desdobrado” (MAINGUENEAU, 2008, p. 29).

Isso posto e para finalizar esta seção, entendemos que o *ethos* pode emergir dos vários sentidos que se produzem na enunciação. Nesse âmbito, compreendemos o *ethos* não só como efeito de sentido, mas, também, como parte da argumentação. Trataremos desses aspectos no próximo tópico.

1.3 O *ETHOS* NO QUADRO DA ARGUMENTAÇÃO

Ao tratar da argumentação, precisamos, primeiramente, voltar às suas origens, para que, em seguida, consigamos entender em que medida ela se faz presente em nosso trabalho. Nesse sentido, podemos afirmar, em consonância com os pressupostos de Fiorin (2015), que a argumentatividade é intrínseca à linguagem humana e que o aparecimento da argumentação está ligado à vida em sociedade. Aprendemos a argumentar a partir das relações humanas e, além disso, a justificativa para tais discussões reside na importância de compreender que a argumentação é uma dimensão que pode figurar em qualquer tipo de texto: conversacional, jurídico, publicitário, administrativo, narrativo, etc..

Desde a antiguidade clássica, a argumentação era um tema relacionado tanto com a Retórica, como a “arte de bem falar”, quanto com a Lógica, como a “arte de pensar corretamente” (PLANTIN, 2004, p. 169-170), aspectos que remontam à definição clássica de Aristóteles. Para este autor, em sua grande obra “Retórica”, a argumentação se refere à pretensão do locutor para que seu interlocutor assumira determinada ideia ou postura por meio de suposições que apresentem plausíveis determinados argumentos, inseridos em contextos específicos. Nesse contexto, queremos enfatizar que

(...) a argumentação trabalha com aquilo que é plausível, possível, provável. Argumentar, em sentido lato, é fornecer razões em favor de determinada tese. Enquanto a demonstração lógica implica que, se duas ideias forem contraditórias, uma será verdadeira e outra falsa, a argumentação em sentido lato mostra que uma ideia pode ser mais válida que outra. Isso significa que a adesão não se faz somente a teses verdadeiras, mas também a teses que parecem oportunas, socialmente justas, úteis, equilibradas, etc. (FIORIN, 2015, p. 77).

Argumentar é, então, tentar influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos, cuja constituição demanda apresentação e organização de ideias, bem como estruturação do raciocínio que será orientado em defesa da tese ou ponto de vista, visando à adesão do interlocutor. Para Koch (2017), quanto mais os argumentos forem sustentados em provas que podem ser fatos, exemplos, opiniões relatadas, dados estatísticos e etc., mais chances teremos de ser bem-sucedidos em nosso intento.

Em conformidade com tais aspectos, Perelman e Olbrechts Tyteca, em seu *Tratado de Argumentação* (2005), declaram que os argumentos se classificam em dois tipos: os que se valem dos processos de ligação e os que se servem de processos de dissociação, ou, em outras palavras, argumentos associativos e dissociativos. De acordo com os autores, os argumentos associativos podem ser de três tipos: os quase lógicos, os que se baseiam na estrutura do real e, por fim, os que se fundamentam na estrutura do real.

Sendo assim, os argumentos quase lógicos são comparáveis ao raciocínio formal, lógico ou matemático e, por isso, têm aparência demonstrativa, a exemplo da contradição, da incompatibilidade, do ridículo, da redução ao absurdo, da ironia, da identidade e da definição. A título de ilustração, apresentamos, a partir de fragmentos retirados de nosso *corpus* de pesquisa⁵, um exemplo de argumento pela ironia (1) – recurso predominante nos textos de Joaquín Reyes, como veremos a continuação – e um exemplo de argumento de definição (2).

(1) Querido amigo invisible:

Gracias, gracias y mil gracias por el regalo que me entregaste en Nochebuena: un bote para los lápices hecho con arcilla. Tiene mucho mérito porque pudiendo ir a lo fácil y, no sé, obsequiarme con unos altavoces *beats*, un limpiazapatos eléctrico Hoberg, un Iphone 6S o incluso un *set* de gin-tonic con utensilios para el perfecto anfitrión — que seguro te rondaron por la cabeza — decidiste tú mismo con tus manitas moldearme un bote para los lápices.

(Joaquín Reyes, 28/12/2015, N° 07)

(2) ¿Me vais a permitir una columna ucrónica? Sé que lo sabéis, pero por si acaso: la ucronía es un género literario que propone una versión alternativa de la historia. Que hubiera pasado si...

(Joaquín Reyes, 08/06/2015, N° 02)

Os argumentos baseados na estrutura do real correspondem aos argumentos que se fundamentam na representação de uma suposta realidade para estabelecer relações entre os argumentos. São eles: argumentos causais, pragmáticos, de fins e meios, de inércia (de desperdício, de direção, de superação), de coexistência entre a pessoa e seus atos, de autoridade e de dupla hierarquia. Para este bloco de argumentos, exemplificaremos, respectivamente, um dos mais utilizados em textos argumentativos, o argumento pragmático (3), que mostra as causas de determinada ação e enfatiza, também, a consequência (ainda que exemplo esteja carregado de certo tom de ironia) e outro exemplo de argumento de autoridade (4), sendo este também um dos mais utilizados:

⁵ Pensamos ser de grande importância o uso do nosso *corpus* para exemplificar aspectos da Fundamentação Teórica, para que esta esteja em consonância com as análises que se apresentam na continuação do nosso trabalho.

- (3) No me entero de la misa media, como suele decirse, camino hacia el futuro con la sonrisa del que no tiene un pensamiento crítico y soy propenso, por lo tanto a tomar malas decisiones. En resumidas cuentas, que soy tontísimo, que no tengo remedio y que por lo tanto volveré a votar a Podemos.

(Joaquín Reyes, 14/06/2016, N° 10)

- (4) En una entrevista que leí recientemente, la modelo Irina Shayk decía que en su caso la belleza estaba en el carácter. Como persona bella, entendí por dónde iba, leí entrelíneas.

(Joaquín Reyes, 11/07/2016, N° 11)

Por fim, os argumentos que se fundamentam na estrutura do real se motivam na realidade e se dividem em argumento pelo exemplo, ilustração, modelo e antimodelo, por analogia e por metáfora. Aqui apresentamos um exemplo de argumento de ilustração (5), aquele que destaca a comoção e o sentimento no lugar da comprovação, e outro argumento com o uso de metáfora (6):

- (5) Un pelín cabrón. Lo reconozco, lo soy. Un ejemplo: el otro día vi como un hombre mayor y gordete corría para coger el autobús y pensé: ojalá no consiga. ¿Por qué? ¿Qué ganaba yo con eso?

(Joaquín Reyes, 12/10/2015, N° 06)

- (6) Los cómicos, en este caso, somos como abejas que nos posamos en la flor de la inspiración y de ella libamos para después elaborar el miel de la risa. Porque sí, a veces es el viento el que esparce el polen de las buenas ocurrencias y nos beneficiamos.

(Joaquín Reyes, 02/05/2016, N° 09)

Por sua vez, os argumentos dissociativos são os que não só rompem as associações indevidas entre elementos que deveriam ser independentes, como, também, propõem uma nova perspectiva de análise dos dados conceituais de tais unidades, o que implica, quase sempre, em uma nova estrutura do raciocínio.

Além disso, Perelman e Olbrechts Tyteca se acercam da Retórica de Aristóteles para ressaltar que toda argumentação se desenvolve em função de um auditório. Ou seja, se o orador deseja ser eficaz, ele está obrigado a se adaptar ao seu auditório. Portanto, a argumentação pressupõe um contato de espíritos entre o locutor e seu interlocutor, uma vez que sua finalidade é provocar ou aumentar a adesão de um auditório às teses que se apresentam ao seu assentimento. Em outras palavras,

Enquanto o orador argumenta, o ouvinte, por sua vez, ficará inclinado a argumentar espontaneamente acerca desse discurso, a fim de tomar uma atitude a seu respeito, de determinar o crédito que lhe deve dar. O ouvinte que percebe os argumentos não só pode percebê-los à sua maneira como é o autor de novos argumentos espontâneos, o mais das vezes não expressos, mas que ainda assim intervirão para modificar o resultado final da argumentação. Pode ocorrer, aliás, que essa reflexão seja orientada pelo orador, que este mesmo forneça aos ouvintes certos argumentos referentes às características de seu próprio enunciado, ou, então, que forneça certos elementos de informação que favorecerão esta ou aquela argumentação espontânea do ouvinte. Esses argumentos que tomam o discurso por objeto, esses elementos de informação aptos a suscitá-los, também podem emanar de terceiros: do adversário do orador, notadamente no debate judiciário, ou, talvez, também de um simples espectador (PERELMAN, & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, pp.213-214).

Desse modo, tais aspectos nos dão um importante aporte no que diz respeito às construções argumentativas, visto que levam em conta o *ethos*, o *pathos* e o *logos*, questões chaves para a análise do nosso *corpus*. Embora nosso foco, neste trabalho, seja o esboço do *ethos* do locutor, sabemos de sua intersecção com as demais categorias. Nesse âmbito, segundo Maingueneau (2008), “instrui-se pelos argumentos; comove-se pelas paixões; insinua-se pelas condutas: os argumentos correspondem ao *logos*, as paixões ao *pathos* e as condutas ao *ethos*” (MAINGUENEAU, 2008, p. 14).

Considerando o homem, na perspectiva de Aristóteles, um ser constituído de três dimensões: um animal sentimental (*pathos*), com o atributo de ser político e social (*ethos*) e com capacidade de pensar e falar (*logos*), podemos afirmar que a sua forma de manifestar essas dimensões no discurso se dá a partir de seu *ethos*. A partir de tal ponto de vista, pode-se dizer que se considera o *ethos* a prova mais importante e mais significativa das três, pois se constitui em uma condensação específica dessas três dimensões. Em outras palavras, estamos de acordo com Eggs quando este afirma que “só o orador que consegue mostrar em seu discurso os mais elevados graus dessas três dimensões do *ethos* – *phrónesis*, *areté*, *eúnoia* – convencerá realmente” (EGGS, 2005, p. 42).

Mais exatamente, a prova pelo *ethos* mobiliza efetivamente

tudo o que, na enunciação discursiva, contribui para destinar a imagem do orador a um dado auditório. Tom de voz, fluxo de fala, escolha das palavras e dos argumentos, gestos, mímicas, olhar, postura, aparência etc., todos signos, de elocução e de oratória, indumentários ou simbólicos, pelos quais o orador dá de si mesmo uma imagem psicológica e sociológica (MAINGUENEAU, 2008, p. 14).

Nesse contexto, o autor ainda propõe pesquisas em que “é preciso encontrar cenários que permitem analisar o papel argumentativo do *ethos* do orador ou, mais geralmente, a função comunicativa e inter-subjetiva do *ethos* em um ator social” (EGGS, 2005, p. 52). É nesse sentido que nosso trabalho se ajusta: numa perspectiva em que os aspectos discursivos

contextuais levam o enunciador a buscar a “justa medida”, considerando o *ethos* e o *pathos* como provas de destaque e ressaltando neles a sua essência argumentativa.

Em suma, segundo Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 220), os estudos linguísticos de diferentes correntes teóricas se apropriam da noção de *ethos* discursivo como o termo que designa a construção de uma imagem a partir da articulação de aspectos linguísticos. Nesta perspectiva, o *ethos* deixa de ser atribuído a um orador – sujeito empírico, não restrito a uma imagem que emerge do enunciado – e passa a ser atribuído a uma corporeidade discursiva.

Devemos ressaltar que a intersecção que há entre a concepção de *ethos* da Retórica clássica e a da Linguística é que ambas o consideram como a articulação de uma imagem que é destinada a um *outro*, que pode ser real – se referir a um sujeito psicobiológico – ou pode ser uma representação co-construída no e pelo discurso. Segundo Maingueneau (2006),

a questão do *ethos* está ligada à construção da identidade. Cada tomada de palavra implica, ao mesmo tempo, levar em conta representações que os parceiros fazem um do outro e a estratégia de fala de um locutor orienta o discurso de forma a sugerir através dele certa identidade. (MAINGUENEAU, 2006, p. 10).

Dessa forma, nos planos de representação do *ethos*, por um lado, está à identidade formulada em uma enunciação e, por outro, a co-construção pela relação “linguística” estabelecida entre os interlocutores enquanto entidades discursivas. Estas representações são produzidas pelas marcas do locutor na materialidade discursiva e podem ser recuperadas por meio de análises, as quais servem de indícios para a caracterização do locutor.

Enfim, quando afirmamos que a análise das marcas linguísticas pretende reconstituir uma imagem, entendemos que, na materialidade do discurso, existem determinadas regularidades que permitem identificar um estilo que caracteriza o locutor. E são estes traços que permitem que a representação seja reconstruída por meio de análises baseadas na descrição e interpretação destas estruturas.

Esse recorrido que apresentamos sobre as questões relacionadas à argumentação nos permite considerar a conjunção entre forma e sentido. Isso se dá por meio da construção de procedimentos baseados na materialidade linguística e da “localização” dos processos argumentativos dentro de contextos específicos, no nosso caso, em artigos jornalísticos de tendência argumentativa. A seguir, abordaremos alguns pontos específicos desse gênero textual.

1.4 ARTIGO DE OPINIÃO: A ENUNCIÇÃO NO TEXTO JORNALÍSTICO

Para iniciar uma aproximação a qualquer objeto de estudo que se pretenda descrever algum aspecto do âmbito da língua(gem), é necessário que se leve em consideração as noções de texto e de discurso. Desta forma, apresentaremos tais noções vinculadas ao campo da chamada Linguística Textual. Este marco teórico é, segundo Marcuschi (2008), o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso (MARCUSCHI, 2008, p. 73), ou, em outros termos, um campo de investigação que trata dos processos e regularidades gerais e específicos segundo os quais se produz, constitui, compreende e descreve o texto. Nessa perspectiva,

o texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo [...]. Ele refrata o mundo na medida em que o reordena e o reconstrói [...]. O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas. (MARCUSCHI, 2008, p. 72).

A partir de tal ponto de vista, o texto não é considerado simplesmente como um artefato linguístico, mas como um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos. Como nos recorda o supracitado autor, o texto é o único material linguístico observável, ou seja, há um fenômeno linguístico (de caráter enunciativo) que constitui uma unidade de sentido. Desse modo, considerando o texto pela perspectiva enunciativa, a forma, o sentido e a relação com os sujeitos que participam da interlocução em um determinado espaço e tempo são características desse fenômeno.

Nesse ponto, queremos destacar que, para a Linguística Textual, dada a sua concepção sociointeracional da linguagem, o sujeito da interação se configura como um sujeito psicossocial. No entanto, ao pensarmos enunciativamente, o sujeito se refere a como o homem se constitui na e pela linguagem e, portanto, como já assinalamos anteriormente, não é nosso foco tratar sobre o sujeito psicobiológico, e sim, sobre a representação que a enunciação dá do sujeito da língua.

Tais reflexões sobre a noção de texto trazem consigo a ideia de discurso. Marcuschi (2008) destaca que texto e discurso são aspectos complementares da atividade enunciativa. Dessa forma, o discurso estaria no plano do dizer (a enunciação) e o texto no plano na esquematização (a configuração) e, entre ambos, o gênero condicionaria a atividade enunciativa. Em palavras de Fiorin (2012), o discurso é do plano do conteúdo e o texto é do

plano da expressão. Ainda de acordo com este autor, “o texto é a realização do discurso por meio da manifestação” (FIORIN, 2012, p. 148) e a enunciação é a instância de mediação entre ambas as partes.

Para Pereira (2012),

o texto, enquanto materialidade, (...) só é texto porque existe o discurso – entendido como sentidos derivados de posições sociais diferenciadas historicamente -, e o discurso, por sua vez, só se efetiva no texto através de seus elementos constituintes e das relações que aí se estabelecem. É a partir da observação dessa materialidade, o texto, conjugada com elementos de sua exterioridade que poderemos acessar o “discurso”, objeto concreto e singular que se constitui historicamente (...) e que coloca no centro de suas preocupações a questão do sentido em relação ao sujeito (PEREIRA, 2012, p. 97).

Das articulações entre texto e discurso, emerge a noção de gênero textual, a qual implica, também, a noção de texto de dimensão argumentativa. Ao tratar das noções de gênero discursivo, Marcuschi (2005) o define como “ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo” (MARCUSCHI, 2005, p. 22). Nessa perspectiva, o gênero é visto como prática social e como prática textual-discursiva, ou seja, são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação que ocorrem.

Sendo assim, no presente trabalho, nossas considerações se dão a partir de textos do gênero “artigo jornalístico”, que indica em sua estrutura a recorrência da tipologia argumentativa. Por conseguinte, tal gênero é assim definido:

Num jornal, revista ou periódico, texto de opinião, dissertativo ou expositivo, que forma um corpo distinto da publicação, trazendo a interpretação do autor sobre um fato ou tema variado (político, cultural, científico, etc.). Ao contrário do editorial, que nunca vem assinado e traz sempre a opinião do jornal, revista, etc., em que circula, o artigo vem assinado e não reflete necessariamente a opinião do órgão que o publica. A estrutura composicional desse tipo de texto varia bastante (não necessariamente terá uma estrutura canônica tradicionalmente ensinada na escola: Tese inicial na Introdução; Argumentação/Refutação no Desenvolvimento e Conclusão), mas sempre desenvolve, explícita ou implicitamente, uma opinião sobre o assunto, com um fecho conclusivo, a partir da exposição das ideias ou da argumentação/refutação construídas (COSTA, 2008, p. 34).

Nesse contexto, o gênero artigo de opinião se vale da argumentação para apresentar comentários, avaliações, expectativas sobre um tema da atualidade de ordem social, política, econômica ou cultural que, por sua transcendência, no plano nacional ou internacional, já é considerado, ou merece ser, objeto de debate. E por pertencer à ordem do argumentar, o autor assume uma posição a respeito do tema tratado.

Cabe ressaltar que a tipologia argumentativa se caracteriza como uma pretensão do locutor para que seu interlocutor assumira determinada ideia por meio da articulação de argumentos. Duas noções são pertinentes nesse âmbito: a ideia de persuasão e a ideia de convencimento. Em linhas gerais, a persuasão faz uso prioritário das emoções para justificar uma perspectiva e o convencimento, por sua vez, faz uso prioritário de informações e provas para justificar uma perspectiva. Nesse sentido, o artigo de opinião é um dos exemplos que apresenta, em sua composição, uma tendência argumentativa, devido a seus objetivos sociocomunicativos, considerando sempre a presença do seu interlocutor, ou seja, do “auditório” a quem se dirige.

Nesse aspecto, para Charaudeau (2014), se o sujeito que argumenta se volta para o interlocutor na tentativa de persuadi-lo, é necessário que na argumentação exista:

- i) uma proposta que provoque em alguém um questionamento, quanto a sua legitimidade;
- ii) um sujeito que desenvolva um raciocínio para demonstrar a aceitabilidade ou legitimidade quanto a essa proposta;
- iii) um outro sujeito que se constitua alvo da argumentação, ou seja, trata-se da pessoa a quem se dirige o sujeito que argumenta, sabendo que ela pode aceitar ou refutar a argumentação.

Além do mais, de acordo com Kaufman e Rodríguez (1995), o artigo de opinião possui relação direta com as estratégias discursivas usadas para persuadir o leitor e não só com a pertinência dos argumentos apresentados. As autoras mencionam estratégias que podem ser usadas para fundamentar os argumentos: acusações claras aos oponentes, insinuações, digressões, apelações à sensibilidade ou tomada de distância através das construções impessoais para dar objetividade e consenso à análise desenvolvida, uso de recursos descritivos ou a especificação das diferentes fontes da informação. Todavia, é a expressão do posicionamento crítico do autor que garante consistência ao artigo de opinião.

Em suma, queremos enfatizar que

O texto é como um *iceberg*: ele apresenta uma pequena parte na superfície da água (os elementos linguísticos que compõem a sua materialidade) e uma imensa superfície subjacente (todos os conhecimentos que necessitam ser ativados para a produção de um sentido). Quanto maior a bagagem de conhecimento de que o leitor/ouvinte dispuser, mais facilidade ele terá de chegar às profundezas do *iceberg*,

para delas extrair os elementos que lhe vão facultar a produção de um sentido adequado para o texto que ouve ou lê (KOCH, 2017, p. 34).

Com base nestas considerações, entendemos que as noções de texto, de discurso e de gênero estão relacionadas aos distintos planos que compõem a atividade comunicativa humana. Por um lado, o texto e o discurso apresentam aspectos que projetam a materialidade linguística e enunciativa. Por outro, o gênero descreve as regularidades nas formas pelas quais os sujeitos se relacionam. E, por fim, a questão da tipologia argumentativa está relacionada às propriedades linguísticas específicas nas quais se apoiam os diversos gêneros.

1.5 RETÓRICA, HUMOR E IRONIA: UMA PROPOSTA DE APROXIMAÇÃO

A Retórica, considerada como a “arte da palavra” e preocupada com a capacidade de produzir discursos persuasivos, se vale da exploração da razão e da afetividade como meios para obter sucesso. Imprescindível para a mudança de estados de ânimo, consolida ou converte estados de espírito. Nessa perspectiva, o humor, articulado a outras técnicas argumentativas, pode se configurar como uma “arma” para incitar o auditório a posicionar-se diante de determinada situação e, também, pode explorar o “risível” dos fatos sociais para promover a reflexão sobre diversos aspectos.

Nesse sentido, o humor é entendido como um recurso linguístico e discursivo que possui características específicas. Comicidade, graça e riso são apenas algumas das ideias que tal noção traz consigo. No entanto, sabemos que o humor vai muito além desses princípios. Por isso, antes de apresentarmos alguns fragmentos para comprovar a natureza humorística e irônica dos textos de Joaquín Reyes, é pertinente que façamos um breve recorrido teórico sobre o humor e suas relações com o fazer discursivo e argumentativo. Não foi surpresa perceber que, assim como a maioria dos fatos da linguagem, o humor também é bastante complexo e heterogêneo para ser definido. Dessa maneira, buscamos aporte em diferentes áreas para apresentar, de forma satisfatória, as principais características do humor.

De acordo com Georges Minois (2003), historiador francês que se dedicou ao estudo de como o ser humano utilizou o humor e o riso ao longo da história,

A primeira qualidade do humor é precisamente escapar a todas as definições, ser inapreensível, como um espírito que passa. O conteúdo pode ser variável: há uma multiplicidade de humor, em todos os tempos e em todos os lugares, desde o momento em que, na mais remota pré-história, o homem tomou consciência dele mesmo, de ser aquele e ao mesmo tempo de não o ser e achou isso muito estranho e divertido: (...) o humor nasceu com o primeiro homem (MINOIS, 2003, p. 79).

Desse modo, ao iniciarmos uma reflexão sobre o humor como categoria ampla, damos conta que ele se configura como um traço de linguagem indicador de um ponto de vista, uma visão sobre o mundo e que requer, tanto do locutor quanto do interlocutor, uma competência discursiva especial. Tais considerações enfatizam sua dimensão discursiva, o que nos permite esboçar uma primeira estratégia de delimitação do aspecto particular do humor, concretizado, neste trabalho, principalmente, pela ironia.

Queremos destacar, também, que, conforme Travaglia (1992), o humor apresenta quatro objetivos essenciais: 1) o riso pelo riso; 2) a liberação; 3) a crítica social e 4) a denúncia. No primeiro caso, o objetivo do humor seria, única e exclusivamente, divertir e fazer rir. No entanto, nos parece difícil sustentar a existência do humor com esse fim, uma vez que acreditamos em uma função social mais específica do humor. No segundo caso, parte-se de uma abordagem mais psicológica: essa liberação está associada a um humor “não-sério” e que, por meio disso, se pode fazer e dizer coisas que, fora dele, as normas sociais não permitiriam. No que tange ao terceiro ponto, o autor destaca que um dos objetivos básicos do humor é a crítica social (que pode ser política, de costumes, instituições, serviços, etc.) e que culminam em seu último objetivo: a denúncia.

Nesse aspecto, podemos estabelecer que o humor se apresenta como um processo discursivo passível de ser observado em diferentes manifestações da linguagem e que pode se revelar em diversos tipos de texto. Essa perspectiva insere-se numa concepção de linguagem que se fundamenta especificamente nos conceitos de texto e de discurso (como destacamos na seção 1.4 deste trabalho), noções teóricas enfatizadas por diferentes áreas empenhadas no estudo da linguagem e que têm em comum o reconhecimento da enunciação como componente essencial do objeto de estudo.

Considerando que texto e discurso são processos que envolvem produção e recepção, ou seja, sujeitos envolvidos em uma interação, o interlocutor desempenha um papel importante: sua função ativa no discurso será participar da dimensão significativa, tendo em vista que é o ponto tencionado pelas estratégias desenvolvidas pelo locutor. Nesse contexto, se torna pertinente a noção de “efeito de sentido” na articulação produção/recepção envolvida por um texto, por um conjunto de textos que podem configurar um discurso, ou mesmo pelo discurso entendido como manifestação da linguagem em funcionamento.

Nesse aspecto, nos estudos enunciativos, os aspectos linguísticos, estilísticos e formais implicam efeitos de sentido inerentes a essas produções, uma vez que decorrem da inscrição dos sujeitos e dos discursos em diferentes lugares sócio-históricos-ideológicos. Em decorrência disso, acreditamos que, por meio dos mecanismos linguísticos imbricados no

enunciado e dos efeitos de sentido que provocam, seja possível identificar elementos que guiem a um esboço da imagem do sujeito. Vale ressaltar que os sentidos não estão no texto, e sim, se dão a partir da perspectiva dos interlocutores sobre os diferentes procedimentos e efeitos da materialidade, o que possibilita a identificação de subjetividades em um processo de (co)enunciação, inscrito em um determinado momento histórico.

A partir disso, consideramos que as formas de construção, manifestação e recepção do humor podem contribuir para esclarecer momentos e aspectos de determinadas culturas. Essa elucidação de valores sociais, culturais, morais, etc. pode fazer parte da natureza significativa do humor. Nesse contexto, para Travaglia (1990),

o humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico, uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios (TRAVAGLIA, 1990, p. 55).

Observamos, nesse excerto, o princípio destacado amplamente por Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês que estabeleceu alguns princípios do cômico: “não há comicidade fora do que é propriamente humano (...) seja por semelhança com o homem, pela característica impressa pelo homem ou pelo uso que o homem faz dele” (BERGSON, 1987, p. 12). Tal princípio também é destacado por Minois (2003) quando este autor afirma que só rimos daquilo que é humano ou faz pensar no homem (MINOIS, 2003, p. 144).

Nessa relação, encontra-se outra característica importante para nosso estudo: a capacidade de o humor apresentar formas específicas para os diferentes gêneros. Como já comentamos, no domínio jornalístico, por exemplo, encontramos um conjunto de gêneros textuais que atende a propósitos comunicativos específicos que justificam sua veiculação. No entanto, muitas vezes, tais gêneros se misturam com outros elementos. A partir dessa linha de pensamento, sendo Joaquín Reyes um comediante e, também, devido às condições de produção e da própria formação discursiva, a figura do cômico está fortemente refletida em seus artigos.

Sendo assim, é importante que retornemos a Aristóteles e sua tríade e, mais especificamente, ao *pathos*. De acordo com o autor, as provas geradas pelo discurso são de três espécies: a primeira encontra-se no *ethos* do orador, a segunda no fato de colocar o ouvinte em certa disposição ou, em outras palavras, procedimentos retóricos que visam a suscitar as paixões no auditório (*pathos*) e a terceira no próprio discurso. Portanto, uma

pessoa, ao se comunicar, sempre constrói seu *ethos* a partir de um *logos*, gerando, naturalmente, efeitos patêmicos.

O *pathos*, segundo Aristóteles, é um meio de prova argumental proveniente da emoção suscitada pelo orador no auditório. Nesse sentido, cabe esclarecer que, para o presente trabalho, não nos toca, especificamente, a emoção vivenciada pelo sujeito. Visamos observar o processo discursivo pelo qual a emoção pode ser estabelecida, ou seja, tratamos da emoção como efeito visado, sem ter garantias sobre o efeito produzido. A partir disso, nos questionamos: considerando que o humor pode causar efeitos contraditórios, será ele também uma construção discursiva que leva às paixões? Será ele um revelador do caráter do orador e da imagem que ele faz do auditório? Voltaremos a esses questionamentos ao longo do nosso trabalho.

Afirmamos, no parágrafo anterior, que o humor pode causar efeitos contraditórios. Além disso, para Travaglia (1990), os discursos de humor são fundamentados na ruptura de conteúdos e no desmascaramento de certos temas, o que, muitas vezes, podem gerar polêmicas de diversas naturezas. Como já mencionamos, esse tipo de enunciado permite revelar temas e pontos de vista que, por vezes, são ignorados e encobertos quando presentes em gêneros classificados como “sérios”. Nesse aspecto, Travaglia ainda afirma que “o humor permite a crítica onde ela seria impossível de outro modo” (TRAVAGLIA, 1990, p. 68) e destaca que o humor pode revelar um caráter libertador, gerar conflito e promover o desequilíbrio.

Alguns estudiosos buscam explicar a produção do cômico a partir de determinados mecanismos linguísticos, como é o caso de Possenti (1998) e de Travaglia (1992). Por um lado, Possenti (1998) ressalta a fonologia, a morfologia, o léxico, a dêixis, a sintaxe, a pressuposição, a inferência, o conhecimento prévio e a variação linguística como recursos provocadores do humor. Por outro lado, Travaglia (1992) considera a cumplicidade, a ironia, a mistura de lugares sociais ou posições de sujeito, a ambiguidade, o uso de estereótipos, a contradição, a sugestão, a descontinuidade de tópico, a paródia, o jogo de palavras, o exagero, o desrespeito à regras conversacionais e as observações metalinguísticas.

Nesse contexto, está evidente que a língua consiste em um conjunto muito rico de instrumentos de comicidade. Cabe salientar que a língua não é cômica por si só, mas porque reflete alguns traços da vida de quem enuncia. Propp (1992), crítico e filósofo russo, destaca que fazem parte desse conjunto cômico, além dos mecanismos que já citamos acima, os trocadilhos, os paradoxos e os chistes de todo o tipo, bem como algumas formas de ironia.

Tais elementos figuram como os mais importantes e significativos do cenário cômico e, por esse motivo, têm um espaço específico em nosso trabalho.

Sabemos que os trocadilhos constituem um dos recursos retóricos mais utilizados em discursos humorísticos e resultam sempre da semelhança fonética ou sintática de dois enunciados capazes de criar efeitos inesperados, intencionais ou não. Propp (1992), baseando-se nas estéticas alemãs, reporta o trocadilho como um caso particular de argúcia⁶: o trocadilho é um jogo de palavras e um dos tipos de argúcia que nasce do emprego de instrumentos propriamente linguísticos. Portanto, sua ideia básica se situa no emprego cômico de palavras semelhantes quanto ao som, mas diferentes quanto ao significado. A seguir, apresentamos um exemplo de trocadilho retirado de nosso *corpus*:

(7) “Como dijo Jack el destripador... vamos por partes.”

(Joaquín Reyes, 12/10/2015, N° 06)

Além do mais, esse recurso retórico pode se tornar uma arma afiada e extremamente eficiente. Como outros aspectos do uso de zombaria, ele é capaz de “podar”, em palavras de Propp, uma pessoa. Para tal autor, o trocadilho “não pode ser nem moral e nem imoral em si mesmo: tudo depende do modo como ele é empregado, do alvo que ele visa. O trocadilho dirigido contra os aspectos negativos da vida torna-se uma arma de sátira afiada e precisa” (PROPP, 1992, p. 123).

Próximo dos trocadilhos encontram-se os paradoxos, ou seja, aquelas sentenças em que o predicado contradiz o sujeito, ou a definição do que está para ser definido (PROPP, 1992, p. 124). Nesse aspecto, os paradoxos intencionais levam a rir se a contraposição é inesperada, uma vez que representam uma espécie de chiste. Por exemplo:

(8) “¿Por qué las tiendas de 24 horas tienen puerta si, como su propio nombre indica, nunca cierran?”

(Joaquín Reyes, 07/09/2015, N° 04)

E próxima do paradoxo situa-se a ironia. Para o mesmo autor,

se no paradoxo conceitos que se excluem mutuamente são reunidos apesar de sua incompatibilidade, na ironia expressa-se com as palavras um conceito, mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário. Em palavras diz-se algo positivo, pretendendo, ao contrário, expressar algo negativo, oposto ao que foi dito. A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se

⁶ Por argúcia, entendemos sutileza de raciocínio e de argumentação para aproximar, rápida e inesperadamente, dois objetos (PROPP, 1992).

fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade (PROPP, 1992, p. 125).

Considerando nosso *corpus* de pesquisa, a partir desse momento, daremos maior ênfase à ironia, posto que ela apresenta suas características específicas e seus efeitos de sentido. Além do mais, existem inúmeras propostas para conceber as noções de tal termo. Nesse contexto, a mais tradicional é aquela que define a ironia como uma espécie de antífrase, ou seja, uma figura retórica, cujo sentido é captado por meio da polifonia nela presente, como destacou Propp. Em outras palavras, de acordo com Fiorin (2014), a ironia “é um alargamento semântico”, que demonstra um significado invertido, representando uma prévia intenção do enunciador, de modo a provocar uma percepção de escárnio, desprezo ou sarcasmo. Em outros termos, um enunciado irônico tem o objetivo de dizer algo diferente do que foi dito.

Dominique Maingueneau também manifestou sua concepção de ironia, definindo-a como um fenômeno sutil, passível de análises divergentes, que “subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor” (MAINGUENEAU, 1997, p.98), cabendo ao interlocutor a capacidade de interpretar a posição irônica colocada na enunciação. Ou seja, a ironia é entendida como um recurso argumentativo que exige do leitor uma participação ativa e efetiva no processo de negociação e interpretação do sentido. Essa participação é que instaura a intersubjetividade, pressupondo não apenas conhecimentos partilhados, mas também pontos de vista, valores pessoais ou culturais e socialmente comungados ou, ainda, constitutivos de um imaginário coletivo.

Para recuperar, na materialidade, seus elementos contraditórios torna-se necessário observar, por exemplo, o caráter hiperbólico do enunciado, a explicitação de uma entonação (“diz ele ironicamente”), as aspas, os pontos de exclamação, as reticências e etc. E na ausência de tais índices, observar o contexto apresentado.

Nesse aspecto, queremos destacar que a ironia se constrói sincronicamente em um âmbito de interação caracterizado, de um lado, por aproximações e concordâncias e, de outro, por afastamentos e dissonâncias. Sendo a ironia “um recurso utilizado para desestabilizar o adversário, provocando o riso do auditório a favor do orador” (FIORIN, 2015, p. 221), seus efeitos congregam uma série de questionamentos sobre o processo de construção do *ethos* discursivo e sobre os conhecimentos compartilhados com o interlocutor.

A partir do exposto, considerando os objetivos do presente trabalho, fundamentamos nossa visão sobre a noção de ironia em Castro (2005), quando esta nos mostra que

ironizar é dizer algo pelo enunciado e, portanto, remeter à enunciação, mas é também, e sobretudo, voltar-se contra a própria enunciação acrescentando-lhe uma ideia oposta e, ainda mais, no mesmo instante em que ela é enunciada. A mesma enunciação serve para dizer A e, simultaneamente, para dizer o seu contrário, devido ao valor argumentativo oposto das enunciações. É esse valor argumentativo que garante a instauração dos opostos (CASTRO, 2005, p. 130).

Em outras palavras, compreendemos a ironia como um efeito de sentido produzido por consequência de procedimentos discursivos presentes em diferentes níveis linguísticos e de distintos gêneros textuais. Tal efeito visa à explicitação de determinados aspectos sociais, culturais ou estéticos presentes em determinadas perspectivas e que conta com a participação direta do interlocutor para se consumir. O enunciado irônico é, assim, interpretado como uma pluralidade de vozes orientadas nos eixos da contradição e da complexidade do discurso marcado pelo humor e, conseqüentemente, pela ambigüidade (BRAIT, 1996). No entanto, nem sempre se obtém êxito em transmitir uma determinada intenção. Enfatizamos, nesse ponto, que a compreensão ou a incompreensão dos efeitos da ironia pode ter implicações definitivas no esboço do *ethos* discursivo e dos efeitos patêmicos.

Nesse conjunto de perspectivas diante da ironia, destacamos, também, a perspectiva do filósofo Henri Bergson que, como vimos anteriormente, dedicou um estudo a questões que envolvem o humor e, em menor escala, a ironia, reflexões presentes no livro intitulado “O riso”. Beth Brait (1996) faz menção a tal autor, evidenciando o conceito de “interferência de séries” dada a sua importância diante de uma reflexão em torno de um mecanismo discursivo propriamente dito. Nesse sentido, “a interferência de dois sistemas de ideias na mesma frase é fonte inesgotável de efeitos engraçados. Há muitos meios de obter a interferência, isto é, de dar à mesma frase duas significações independentes e que se superpõem” (BERGSON, 1987, p. 65). De acordo com Brait (1996), juntamente com o conceito de “transposição” – “efeito cômico ao transpor a expressão natural de uma ideia para outra tonalidade” (BERGSON, 1987, p. 66) – a concepção de interferência de séries vai deflagrar, em Bergson, a definição de ironia verbal:

Para resumir o que até agora dissemos, há em primeiro lugar dois termos de comparação extremos: o muito grande e o muito pequeno, o melhor e o pior, entre os quais a transposição se pode efetuar num sentido ou noutro. Ora, diminuindo aos poucos o intervalo, obteremos termos de contraste cada vez menos bruscos e efeitos de transposição cômica cada vez mais sutis. A mais geral dessas oposições seria talvez a do real com o ideal: do que é com o que deveria ser. Ainda aqui a transposição poderá ser feita nas duas direções inversas. Ora se enunciará o que deveria ser fingindo-se acreditar ser precisamente o que é. Nisso consiste a ironia. Ora, pelo contrário, se descreverá cada vez mais meticulosamente o que é, fingindo-se crer que assim é que as coisas deveriam ser. É o caso do humor. O humor, assim definido, é o inverso da ironia. Ambos são formas de sátira, mas a ironia é de

natureza retórica, ao passo que o humor tem algo de mais científico (BERGSON, 1992, p. 67/68).

Nessa perspectiva, podemos observar que há uma relação entre a visão filosófica, característica do autor, e o ponto de vista linguístico-discursivo, uma vez que traz a questão do fenômeno irônico para o plano da linguagem. Desse modo, concordamos com Brait (1996) quando esta sugere que o conceito de interferência de séries poderia ser interpretado sob as categorias que a Análise do Discurso denomina “formações discursivas”⁷ e “formações ideológicas”⁸ e que são apreendidas por meio de formas linguísticas necessariamente presentes em um discurso (BRAIT, 1996, p. 36).

A indicação de que “um mesmo texto pode aparecer em formações discursivas diferentes, acarretando, com isso, variações de sentido” (BRANDÃO, 2004, p. 107) é pertinente para o entendimento de que uma determinada ideia, dependendo de seu espaço de realização, pode atualizar elementos com diferentes significações, ou mesmo significações contraditórias como é o caso da ironia. Pelo viés da Análise do Discurso, tal interferência “significa a configuração de um espaço discursivo que justapõe dois segmentos textuais pertencentes a formações discursivas diferentes” (BRAIT, 1996, p. 36), mas que, ao se articularem, podem formar uma unidade geradora do efeito de sentido irônico. Como exemplo, observemos um fragmento do nosso *corpus*:

(9) Carta abierta a mi primo

(...)

Querido primo:

¡Qué contento estoy de tenerte a mi lado! Aunque me esfuerce, no te encuentro ningún fallo. *Me gusta*, cuando estamos en un restaurante, que antes de que nos traigan la carta ya te hayas zampado el pan a pellizcos (...). También *encuentro encantador* el ruido que haces al masticar, y que una vez terminada la pítanza no hagas siquiera el gesto de echarle la mano a la cartera. *Me agrada* también que, cuando me piden una foto y me ves dudar, me digas gritando: “*¡Venga Joaquín! ¡Hazte la foto! ¡Es el precio de la fama!*” (...). Te agradezco esos momentos que me brindas. En fin... seguro que me dejo cosas en el tintero, es imposible abarcarlo todo, pero espero que con esto te hagas una idea.

Un abrazo de tu primo.

⁷ “Conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, pelas mesmas “regras de formação”. A formação discursiva se define pela sua relação com a formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma formação discursiva remetem a uma mesma formação ideológica” (BRANDÃO, 2004, p. 106-107).

⁸ “É constituída por um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas dizem respeito, mais ou menos diretamente, às posições de classe em conflito umas com as outras. Cada formação ideológica pode compreender várias formações discursivas interligadas” (BRANDÃO, 2004, p. 107).

Pd: Si te invade la morriña, no dudes en volver a tu casa. Yo lo entendería.

(Joaquín Reyes, 21/11/2016, Nº 12)

A partir disso, acreditamos que, nesse modelo, a ironia e o humor acontecem, justamente, a partir da interferência de séries. Isso se dá quando esta se apresenta na confluência entre o artigo de opinião e a carta aberta: ainda que figurem num mesmo campo (norteados, principalmente, pelo caráter argumentativo), divergem quanto à maneira de manifestação. Portanto, com base nesses dois gêneros textuais diferentes, a crítica se dá via ironia e, também, via humor.

Nesse cenário, acreditamos que o humor e a ironia, enquanto estratégias argumentativas, podem despertar o interesse do interlocutor e incitá-lo a posicionar-se diante de determinadas questões e fazê-lo refletir sobre práticas sociais e culturais. Considerando, juntamente com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), que o objetivo de toda argumentação é provocar ou aumentar a adesão das pessoas às teses que são apresentadas à sua aceitação, para ser eficaz, esse processo exige condições e mobiliza certas técnicas discursivas. Partindo dessas considerações, concluímos e reiteramos que há uma função importante desempenhada pelo humor: a persuasiva.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), no plano retórico, o humor

é um elemento importantíssimo para conquistar o auditório ou, mais comumente, para firmar uma comunhão entre o orador e o auditório, para efetuar desvalorizações, notadamente para ridicularizar o adversário, para operar diversões oportunas (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 213).

Sendo assim, na construção do discurso retórico, não há dúvida de que o humor contribui para a constituição do *ethos* do locutor (de tendência bem-humorada, divertida, irônica, sarcástica, etc.) e influencia no estado de ânimo do auditório (a empatia, o riso, a alegria, a calma, a raiva, etc.).

Em síntese, a partir do referencial teórico que apresentamos neste capítulo, passaremos a articular os procedimentos metodológicos que utilizamos para a realização desta pesquisa, no intuito de responder aos nossos questionamentos sobre a constituição do *ethos* no artigo jornalístico e seus possíveis efeitos de sentido. Desse modo, para fins deste trabalho, tomaremos o irônico como forma de significação do humor. Em outros termos, acreditamos que o humor apresentado nos artigos de Joaquín Reyes é atravessado, fortemente, pelo irônico.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na seção anterior, apresentamos as perspectivas teóricas nas quais fundamentamos nosso estudo, a saber: Linguística da Enunciação, *Ethos* Discursivo, Argumentação, Linguística Textual e noções de humor e de ironia. Desse modo, ao adotarmos o ponto de vista enunciativo, buscamos entender o que as marcas linguísticas nos indicam sobre os sentidos da enunciação do sujeito, ou seja, em uma análise enunciativa, levamos em conta o trabalho com a língua no momento da enunciação.

Neste capítulo, apontaremos os procedimentos metodológicos que guiam nossa pesquisa. No entanto, cabe ressaltar que, em pesquisas que têm como base a Linguística da Enunciação, como é o caso da nossa, não é possível haver sempre uma metodologia fixa de análise, uma vez que cada *corpus* faz surgir um objeto diferente para cada pesquisador. Sendo assim, de acordo com Flores e Teixeira (2013), “as teorias da enunciação, cada uma a seu modo, concebem uma forma de analisar os fenômenos circunscritos pela concepção de enunciação que têm” (FLORES e TEIXEIRA, 2013, p. 104). Isso significa que cada teoria enunciativa permite que o analista considere determinados recursos metodológicos sem que isso implique algum tipo de generalização para o campo.

Considerando o viés da Análise do Discurso, é pertinente destacar que, nessa perspectiva, assim “como em outras ciências sociais, geralmente é o *corpus* que de fato define o objeto de pesquisa, pois ele não lhe preexiste. Mais precisamente, é o ponto de vista que constrói um *corpus*, que não é um conjunto pronto para ser transcrito” (BEACCO, 2006, p. 138).

Em vista disso, nosso olhar se volta para as marcas linguísticas que emergem da materialidade, a fim de esboçar uma imagem discursiva do locutor. Dessa forma, nossa metodologia apresenta uma orientação de natureza qualitativa, para tanto, nossas considerações analíticas estão centradas em indícios encontrados nas materialidades. Estes se debruçaram sobre pistas de ordem estrutural, enunciativa, pragmática e discursiva. Com base em tais considerações, nossa proposta está baseada nos aportes metodológicos do paradigma indiciário, método concebido pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, em seu livro intitulado *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1989).

2.1 DEFINIÇÃO DO MÉTODO

Conforme Ginzburg (1989), o modelo de investigação indiciária remonta ao final do século XIX, quando diversas áreas da ciência empregam análises qualitativas fundamentadas na observação de detalhes. O autor destaca que, pela necessidade de sobrevivência, o homem, desde sua história social, precisou interpretar os mais diferentes sinais da natureza. Além disso, sinaliza que esse método serviu de base para os estudos da crítica da arte, da psicanálise, da investigação policial, etc.

Para o autor, o paradigma indiciário se configura como um conjunto de princípios e de procedimentos que contém a proposta de um método heurístico centrado no detalhe, nos dados marginais, nos resíduos tomados enquanto pistas, indícios, sinais, vestígios ou sintomas. Em outras palavras, tal paradigma valoriza os indícios e os detalhes para construir uma análise sobre um objeto complexo.

Nesse contexto, buscamos elencar alguns dos princípios centrais do paradigma indiciário, a saber:

- i. valorizar as especificidades de cada objeto;
- ii. inferir as causas a partir dos efeitos;
- iii. exercitar a conjectura durante a análise e a pesquisa;
- iv. estudar minuciosamente o material pesquisado.

Com base nesses princípios, no capítulo “Sinais, raízes de um paradigma indiciário”, da obra *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, Ginzburg (1989) nos indica que esse modelo epistemológico “pressupõe o minucioso reconhecimento de uma realidade talvez ínfima, para descobrir pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador” (GINZBURG, 1989, p. 152-153). De acordo com essa perspectiva, toda realidade está repleta de pequenos detalhes que permitem vê-la numa profundidade pouco costumeira.

O que propomos neste trabalho, à luz do paradigma indiciário, é a identificação e a discussão pormenorizada dos indícios discursivos reveladores de características do *ethos* do locutor. Cabe destacar que adotar essa perspectiva de análise no campo da Enunciação torna-se um grande desafio ao pesquisador, já que seu papel de analista se sobressai na observação e identificação dos indícios e na compreensão e na elaboração de comentários acerca dos fenômenos encontrados.

Considerando que nossa pesquisa se apresenta como qualitativa, devemos ressaltar que, de acordo com Ginzburg, as disciplinas qualitativas não estão interessadas na quantidade dos dados, mas na sua relevância a partir daquilo que se está investigando. Portanto, a seleção de dados pertinentes constitui uma característica básica para a pesquisa qualitativa. Em outras palavras, o mais importante se encontra na relevância dos dados analisados e nos respectivos resultados das análises.

Em decorrência da utilização do paradigma indiciário, é possível construir hipóteses explicativas sobre determinados dados singulares, o que nos permite avançar para além da descrição linguística. Em nosso caso, levamos em conta que há um conjunto de elementos linguísticos responsáveis pela constituição do *ethos* e, dessa forma, organizamos nossa metodologia em três categorias: a de descrição, a de análise e a de interpretação, configuradas a partir dos seguintes parâmetros norteadores:

- i. O que se procura? A identificação e a descrição das marcas de intersubjetividade localizadas na materialidade discursiva dos textos que integram o *corpus* de estudo e que podem ser de ordem enunciativa, discursiva e pragmática;
- ii. Para qual propósito se procura? Para que seja possível traçar um esboço do *ethos* discursivo do locutor a partir dos indícios mapeados na materialidade e dos seus efeitos de sentido;
- iii. Qual a hipótese principal? A partir dos indícios encontrados de forma recorrente no *corpus* de análise, delineamos a imagem discursiva do locutor de Joaquín Reyes que indica efeitos de sentido baseados no irônico como formas de significação do humor. Nesse aspecto, consideramos que, quando o humor é apresentado via ironia, o seu interlocutor se torna seletivo, devido ao humor refinado que se apresenta.

Sendo assim, com base nesses princípios, buscamos identificar, na materialidade linguística, os indícios para esboçar a imagem discursiva do comediante espanhol Joaquín Reyes que nos auxilie nas reflexões acima comentadas. Para tanto, procuramos determinar os procedimentos de produção de sentidos, por meio das condições que a língua nos oferece, e os efeitos de sentido que derivam das construções.

2.2 COMPOSIÇÃO DO *CORPUS* E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

O *corpus* de análise da presente pesquisa é composto por uma totalidade de 85 textos do gênero artigo jornalístico do colunista Joaquín Reyes, veiculados no jornal espanhol *El País*, em uma seção intitulada *Porque lo digo yo*⁹. Tais textos foram publicados durante o período de 12 de maio de 2015 até 27 de fevereiro de 2017, tempo em que o autor escreveu para dita coluna.

A partir da leitura desse recorte, constatamos que os textos se fundamentavam a partir de três eixos específicos: efeitos humorísticos, irônicos, sarcásticos, além de uma fragmentação deste último mais direcionado para o sarcasmo egocêntrico. Desse modo, a presença ou não dessas características se configurou como o primeiro critério de seleção do *corpus*. A partir disso, dos 85 artigos, selecionamos os 40 mais representativos considerando os três eixos principais. Para fins de análise deste estudo, consideramos apenas os artigos classificados na duplicidade humor/ironia, de modo que os artigos subdivididos na seção “sarcasmo egocêntrico” foram eliminados, se configurando em nosso segundo critério de seleção.

Levando tais parâmetros em consideração, chegamos a um número total de 12 artigos jornalísticos, divididos para análises e para exemplificações de aspectos da nossa Fundamentação Teórica ao longo do nosso estudo. Cabe destacar que os textos analisados e exemplificados encontram-se enumerados a partir da ordem cronológica, na seção destinada aos anexos deste trabalho.

Em referência ao autor, Joaquín Reyes Cano, comediante, ator e desenhista, conseguiu formar um clube de fãs e seguidores por todo território espanhol, graças à criação e à participação em programas televisivos como “La hora chanante”¹⁰, “Nuevos cómicos”¹¹, “Noche sin tréguas”¹², “Camera Café”¹³, “Machachada nui”¹⁴, etc., todos programas de humor já transmitidos pela televisão espanhola.

⁹ O *corpus* deste trabalho foi coletado do site do jornal no link: https://elpais.com/agr/porque_lo_digo_yo/a.

¹⁰ Programa mensal de humor que se compunha de várias seções, com peças curtas e animações, caracterizadas pelo humor absurdo e surrealista.

¹¹ Programa de Stand-Up que servia de “berço” para novos humoristas e atores.

¹² Programa de televisão de caráter cômico, humorístico e com um toque cultural. O programa era composto por um monólogo do apresentador, seguido de duas entrevistas a convidados famosos. Contava também com a colaboração de uma série de cômicos que intervinham após cada entrevista.

¹³ Série humorística de televisão, originária da França, com curtos episódios compostos por um prólogo, uma cena improvisada e um epílogo.

¹⁴ Continuação do programa de humor surrealista “La hora Chanante”.

Nascido em Albacete, na Espanha (16 de agosto de 1974), estudou Belas Artes na Faculdade de Belas Artes de Cuenca, na Universidade de Castilla La Mancha, e é reconhecido por suas numerosas paródias e imitações. Recentemente, protagonizou um programa intitulado “Feis tu feis”, um programa de “auto entrevistas” em que adotava o papel de alter ego de cada convidado assumindo sua personalidade por meio de imitações.

Atualmente, Joaquín Reyes é colaborador do programa “Late Motiv”¹⁵, apresentado por Andreu Buenafuente e apresenta uma peça teatral intitulada “Viejóvenes”. Também protagonizou, recentemente, o primeiro programa espanhol na Netflix, intitulado “Una y no más”, novo espetáculo cômico com uma produção de 70 minutos em que apresenta seus melhores monólogos. Além disso, escreve para o jornal *El País* desde o ano de 2006, em diversas seções, com textos cômicos carregados de humor, de ironias e de sarcasmos.

Os textos vinculados a tais colunas podem ser classificadas como artigos jornalísticos levando em consideração que uma figura pública se posiciona, ainda que forma muito particular, sobre determinados temas da atualidade. Vale ressaltar que o singular da coluna é que a opinião do autor não necessariamente segue a mesma tendência das ideias do editorial do jornal. Nesse caso específico, ao nos depararmos com o nome da coluna (*Porque lo digo yo*), poderíamos, inclusive, comentar que a coluna apresenta certa identidade de autoafirmação dos autores que nela publicam seus textos.

No que se refere ao veículo de publicação dos artigos, o jornal espanhol *El País*, queremos enfatizar que este é um diário de grande circulação, sendo conhecido mundialmente por suas informações de âmbito internacional, de cultura e de economia, principalmente. Nesse sentido, apresenta, diariamente, aos seus leitores notícias, reportagens, editoriais, artigos de opinião, tirinhas, etc. sobre temas da atualidade, nos quais predominam as características do jornal e/ou de quem as elabora. Cabe destacar que, atualmente, o referido jornal tem correspondentes na maioria das capitais europeias e em quase todos os países latino-americanos, marcando presença em 45 países do mundo.

Com base nessas considerações, destacamos que nossa análise se estabelece a partir de *sequências enunciativas* (recortes). Compreendemos tal noção como um ou mais enunciados que se relacionam, formando uma pequena unidade semântica. As sequências estão organizadas e enumeradas em ordem crescente (a numeração encontra-se entre parênteses) e, ao final, consta o nome do autor, a data de publicação e o número a que corresponde o texto

¹⁵ Programa em que Devon Knight (Joaquín Reyes) faz uma intervenção semanal intitulada “Edición Limitada”, na qual ele repassa a atualidade de forma cômica.

no anexo. Da mesma forma, destacamos que os exemplos que apresentamos no capítulo anterior também foram organizados com este padrão.

Dessa maneira, no capítulo que segue, passaremos à etapa da investigação lançando uma visão enunciativa sobre os textos do nosso *corpus*. Assim sendo, apresentaremos os resultados das análises, de modo a explicitar em que medida os indícios encontrados colaboraram para a produção de sentidos e para o esboço da imagem discursiva do locutor.

3 CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS

Este capítulo está destinado para a apresentação dos nossos comentários analíticos sobre o *corpus* de pesquisa. Como destacamos anteriormente, nossa metodologia aponta para uma orientação de natureza qualitativo-exploratória, para tanto, nossas considerações analíticas estão centradas em indícios de ordem linguística, estrutural, enunciativa e discursiva encontrados na materialidade. Nessa perspectiva, em um primeiro momento, apresentamos as principais pistas mapeadas no *corpus* para, na sequência, comentar os efeitos de sentido que tais indícios provocam para esboçar o *ethos* do discursivo do locutor.

3.1 “PORQUE LO DIGO YO”: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE

Um artigo de opinião, segundo Costa (2008), reflete a interpretação do autor sobre determinado tema/fato, além de apresentar uma estrutura composicional variada e de desenvolver a opinião do autor por meio da exposição de ideias e de mecanismos argumentativos. Tal materialidade nos aponta diferentes indícios que permitem refletir e discutir sobre questões relacionadas à construção do *ethos* discursivo a partir do processo expositivo/argumentativo. Nesse âmbito, torna-se pertinente que façamos algumas considerações a respeito da natureza da coluna na qual os artigos para análise estão inseridos e, também, a respeito das particularidades do autor.

Porque lo digo yo é uma coluna compartilhada por distintas personalidades do mundo hispânico e que, portanto, trata de diversos conteúdos sob a perspectiva dos autores que a compõem. Considerando que Joaquin Reyes é um comediante, as questões relacionadas a essa profissão aparecem de forma predominante em sua escritura. Em outras palavras, queremos destacar que a figura do cômico torna-se um importante “personagem” na construção dos textos.

A partir de tais considerações, como viemos assinalando no decorrer deste trabalho, nossas análises se fundamentam a partir de dois eixos principais: o humor e a ironia. Ambos encontram-se interligados e se mesclam entre si para formar aquilo que podemos chamar de “identidade” da coluna em questão. Sendo assim, acreditamos que tais efeitos, aplicados a um discurso de caráter argumentativo, apontam para um humor mais refinado, uma vez que tais construções atingem diferentes públicos, com efeitos de sentidos diferentes de acordo com as distintas inferências realizadas pelos interlocutores. Diante disso, queremos dizer que tais elementos se configuram como armas poderosas, já que, para entender declarações nesse

estilo, é necessário que se compreenda observações paradoxais, de modo a estimular o pensamento abstrato. A seguir, por meio de fragmentos do *corpus*, veremos em que medida tais fenômenos ocorrem.

3.2 A QUESTÃO DAS CONSTRUÇÕES LINGUÍSTICAS BASEADAS NO HUMOR E NA IRONIA

Observaremos, a partir de agora, em que medida os efeitos de humor e de ironia são construídos na materialidade linguística. Observemos este primeiro fragmento:

(10) Paseando por mi barrio reparé en un negocio que de repente había cerrado. Esto rezaba el cartel: “Siberet asesoría de empresas”. *Entonces pensé: “Asesoraban empresas y han cerrado. O sea, ellos venga a dar buenos consejos a otras empresas mientras la suya iba a pique, sin olearse la tostada”*.

Hace unos días me llamó un amigo al móvil desde Londres a las dos de la mañana, para decirme muy preocupado que le llegaban unas facturas tremendas de teléfono y que apenas podía pagarlas. Para contarme eso estuvo casi 20 minutos de reloj.

“¿Por qué las tiendas de 24 horas tienen puerta si, como su propio nombre indica, nunca cierran?”

(Joaquín Reyes, 07/09/2015, N° 04)

Na amostra acima¹⁶, para provocar o efeito humorístico, o locutor se vale de um instrumento cômico denominado “paradoxo”. Retomando tal noção, para Vladimir Propp (1992), os paradoxos são “aquelas sentenças em que o predicado contradiz o sujeito, ou a definição do que está pra ser definido” (PROPP, 1992, p.124). Em outros termos, podemos dizer que são proposições que designam uma ideia que, aparentemente, apresentam dentro de si mesmas a sua própria contradição. Dessa forma, os enunciados vão contra àquilo que é admitido como “verdadeiro”: está explícita, na materialidade, uma contraposição inesperada, de modo a exprimir a não conformidade com aquilo que é tradicionalmente aceito. Além do mais, notamos que o humor presente na atmosfera do próprio artigo é também um paradoxo: ele se apresenta em uma espécie de “humor mal-humorado”.

Narrado em 1ª pessoa, o locutor utiliza exemplos práticos de sua vida cotidiana para se aproximar de seu interlocutor. Podemos observar, nesse sentido, que os aspectos linguísticos não exercem a influência central no momento de expor os paradoxos: o interlocutor é capaz de captar suas essências a partir do contexto em que são empregados. Acreditamos, então, que

¹⁶ Nessa amostra e em todas as demais que se seguem, os grifos são nossos.

o paradoxo tem grande força argumentativa, uma vez que visa desestabilizar o senso comum ou, como destaca Fiorin (2015), “ele põe de ponta cabeça uma verdade, fazendo refletir sobre ela” (FIORIN, 2015, p. 221).

Nesse aspecto, destacamos a questão da pergunta retórica, empregada no último enunciado, no qual o locutor encerra o artigo com uma pergunta paradoxal e deixa o leitor a refletir sobre a “verdade” que foi colocada à prova. Além de sua função reflexiva, as perguntas retóricas se configuram como estratégias argumentativas na tentativa de aproximação do locutor com o interlocutor, de modo a mantê-los em uma espécie de interação. Além disso, com a colocação das aspas em tal enunciado, o locutor visa chamar a atenção de seu destinatário para o fato de estar empregando exatamente as palavras que ele está destacando, de modo a salientá-las. Desse modo, as aspas funcionam como um recurso enunciativo para enfatizar duas vozes do locutor: como cronista e como interlocutor do leitor, de forma a enfatizar o discurso direto. Sendo assim, delega ao interlocutor a tarefa de compreender o motivo pelo qual ele está chamando sua atenção e abrindo “uma brecha” em seu próprio discurso, que, neste caso, está evidenciado pela pergunta retórica.

Podemos observar, nesse contexto, o emprego dos discursos direto e indireto. Segundo Graciela Reyes (1993), “la diferencia entre el ED y el EI es que en el ED se reproducen las palabras de otra persona (o las propias) manteniéndolas aparentemente idénticas a como fueron pronunciadas o escritas, mientras que, en el EI, las palabras sufren algunos cambios, porque quien cita las acomoda a su situación comunicativa” (REYES, 1993, p. 12). A partir disso, podemos notar que o locutor faz uso do discurso direto ao referir-se ao seu próprio pensamento, de modo a enfatizar a polifonia. Isso está evidenciado pelo verbo *dicendi*¹⁷ “pensar” conjugado na 1ª pessoa do singular, pelos dois pontos (:) e pelas aspas (“ ”), recursos gráficos utilizados para introduzir o discurso direto.

Com base nas características apresentadas acima, podemos dizer que o discurso direto é uma tentativa de simulação da própria enunciação, enquanto um ato individual de utilização. Sabemos que não é possível reproduzir a enunciação, já que ela é única e irrepetível e, por isso, acreditamos que o termo “simulação” seja adequado nesse contexto.

A partir desse conjunto de indícios, esboçamos um *ethos* marcado por uma suposta autenticidade e valorização à própria autoria, uma vez que o sistema dêitico original é preservado, demonstrando, assim, certa objetividade. Além disso, com a utilização do discurso direto em determinados momentos e de exemplos tomados da própria realidade,

¹⁷ Também denominados “verbos declarativos”. Outros exemplos: “afirmar”, “perguntar”, “comentar”, “comunicar”, “declarar”, “enfatizar”, “indicar”, “explicar”, etc.

fazendo uso do mecanismo da oralidade, podemos apontar para um discurso em tom de diálogo e para um *ethos* de caráter empático e espontâneo e que leva em consideração o seu interlocutor.

Na seguinte amostra, podemos observar uma nova forma de estabelecer o humor no artigo:

(11)Cómo serían los historiales de búsqueda en Google de los grandes estadistas actuales? ¡Tachán!

Mariano Rajoy: existe la nacionalidad catalana. Historia del puro. Cómo hablar en público. Problemas que se resuelven solos a corto plazo. Gafas progresivas. Problemas que se resuelven solos a medio plazo. Tintes pelo sí barba no. Problemas que se resuelven solos a largo plazo. Clases de *zumba*. Cuántos *tours* ganó Perico Delgado. Retruécanos.

Vladímir Putin: la berrea en Siberia. Efectos del polonio. *Ra, Ra*, Rasputín. Grandes Imperios. El poder de la mirada. Novedades en rifles.

Angela Merkel: técnicas para convencer. Descargar *Frozen* DVDRIP torrent. Batidos *detox*. El lenguaje de las manos. Mascotas graciosas YouTube. Dónde está Crimea.

(Joaquín Reyes, 05/10/2015, Nº 05)

Nesse fragmento, podemos visualizar a utilização de estereótipos de três personalidades da política mundial (Espanha, Rússia e Alemanha, respectivamente) para construir uma imagem generalizada dos mesmos quando fariam buscas na plataforma *Google*. De acordo com Possenti (2010), o estereótipo é uma “identidade pelo avesso - uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro” (POSSENTI, 2010, p. 40). Dessa maneira, de acordo com as características específicas de cada uma das personalidades, o locutor elenca uma série de possíveis atividades que vão de encontro à “identidade imaginária” idealizada por ele e que, embora tenham amparo no real, não a reproduzem fielmente. Inclusive, criam uma espécie de rebaixamento e ridicularização. Nesse contexto, está evidente que o estereótipo no humor, como nos diz Travaglia (1992), é sempre usado com uma dimensão social negativa, pois o riso advém da desvalorização social, do estigma que faz do estereótipo algo ridículo.

Para apresentar tais características e atividades, o locutor utiliza enunciados curtos, objetivos e isolados, que produzem efeitos mais imediatos, uma vez que as frases isoladas tentam simular a lista de busca da ferramenta de pesquisa que se apresenta no histórico. Ademais, podemos dizer que as pausas provocadas por esse tipo de organização colaboram para a estruturação psíquica da intertextualidade: termo que designa ao mesmo tempo uma

propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um determinado grupo de textos mantém com outros textos (Dicionário da Análise do Discurso, 2014, p. 288).

Em âmbitos jornalísticos, como é o presente caso, a intertextualidade¹⁸ é bastante comum, dado que, normalmente, os textos publicados dialogam entre si ao tratarem de determinados fatos. Nesse aspecto, o interlocutor necessita ativar seus conhecimentos prévios e seus conhecimentos de mundo para que a “fonte” seja recuperada e, assim, seja possível construir, efetivamente e adequadamente, a produção de sentidos de um texto.

Retomando o que foi apresentado em nossa fundamentação teórica, a ironia demonstra um significado invertido, de modo a provocar uma percepção de escárnio, desprezo ou sarcasmo. Além do mais, é importante destacar que seus efeitos congregam uma série de questionamentos sobre o processo de construção do *ethos* discursivo e sobre os conhecimentos compartilhados com o interlocutor. Nesse sentido, observemos a seguinte sequência enunciativa:

(12) Nada debería importarnos más (sobre todo a los artistas) que la opinión de un desconocido vertida en el Twitter. Pero no me refiero a los halagos vacíos y dóciles, sino a los exabruptos salpicados de impertinencias y descalificaciones (*y en muchos casos faltas de ortografía*). (...). Hay algunos compañeros míos que reaccionan de una forma airada, heridos en su ego. Error. *Los conmino a que cambien de actitud y que con humildad digamos a esas personas: perdón, nos hemos equivocado, no volverá a ocurrir. Y sobre todo gracias, gracias y gracias por ser el látigo que todo creador necesita.*

(Joaquín Reyes, 15/02/2016, N° 08)

Neste fragmento, o tom irônico indica uma crítica às ideias reconhecidas no mundo discursivo do interlocutor: comentários impertinentes de desconhecidos em redes sociais. Vemos, nesse sentido, um *ethos* com certo tom de deboche, encaminhando-se para a ironia cáustica do sarcasmo. Esse aspecto pode ser visualizado pela utilização do adjetivo “desconhecido” e pelo enunciado que se encontra entre parênteses: “(*y en muchos casos faltas de ortografía*)”.

A partir de tais perspectivas, queremos enfatizar que a ironia possui inúmeras possibilidades de interpretação e sua atribuição ou não dependerá, justamente, dessa interpretação. Por isso, apresentaremos o conceito de heterogeneidade discursiva para melhor

¹⁸ Consideramos pertinente destacar que, pelo viés da Linguística de Texto, fundamentada pelos estudos de Beaugrande e Dressler (1981), a intertextualidade figura como um dos sete elementos da textualidade – estrutura psíquica que fundamenta a organização de um texto – juntamente com a intencionalidade, com a aceitabilidade, com a informatividade, com a situacionalidade, com a coesão e com a coerência.

entender os efeitos de sentido da ironia. Partindo do pressuposto de que o discurso não é homogêneo, uma vez que dele convergem situações históricas, ideológicas e sociais, consideramos que a heterogeneidade caracteriza a natureza híbrida do discurso. Nesse sentido, Authier-Revuz (2004), à luz da Análise do Discurso, distingue duas formas de heterogeneidade enunciativa: a constitutiva e a mostrada.

Para a autora, a heterogeneidade constitutiva ocorre quando o discurso é colocado em relação de alteridade, ou seja, ela não se apresenta na estrutura linear do discurso, uma vez que a alteridade não é exposta. Já a heterogeneidade mostrada traz marcas da presença do outro na rede discursiva, isto é, a alteridade se apresenta no discurso e é possível recuperá-la no nível enunciativo a partir das marcas linguísticas. Enfatizaremos, para fins de análise do fragmento número 12, apenas este último modelo de heterogeneidade, considerando que a forma mais evidente de heterogeneidade mostrada são as formas sintáticas do discurso direto e do discurso indireto. Nesse sentido, para a autora,

No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz”. Sob essas duas diferentes modalidades, o locutor dá lugar explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

A partir disso, narrado em 1ª pessoa e empregando do discurso direto, o locutor faz uma espécie de intimação: aqueles (famosos) que se sentem ofendidos com determinados comentários deveriam agradecer às pessoas que os escreveram. A ironia se encontra justamente nessa questão: sendo que as opiniões são de “desconhecidos” e caracterizados como “impertinentes”, não se espera que o recebedor dos comentários agradeça por isso.

Cabe destacar, ainda, que a heterogeneidade mostrada pode ser dividida em duas formas: marcada e não-marcada. A primeira, da ordem da enunciação, é perceptível na materialidade linguística, a exemplo do discurso direto e do discurso indireto, como comentamos anteriormente. A segunda, da ordem do discurso, não está explícita na materialidade e, por esse motivo, cabe ao interlocutor o reconhecimento e a interpretação da presença de outro discurso. E dentre as formas não-marcadas está justamente a ironia.

Observemos a próxima sequência enunciativa:

(13) *Críticos de las redes sociales a vosotros me dirijo. Primero de todo deciros que tenéis más razón que un santo: soy muy estomagante, siempre hago lo mismo, me creo más gracioso de lo que soy... etcétera. Mi corazón está lacerado de*

dolor porque en vez de una sonrisa os he provocado hastío y frustración. ¿Cómo podría compensaros? Es difícil, pero a partir de ahora *me comprometo* a pensar en vosotros todo el rato y no daré ni un solo paso profesional sin estar seguro de que no os voy a decepcionar *one more time*. Tened la certeza de que os amo con locura.

(Joaquín Reyes, 13/07/2015, Nº 03)

Uma vez mais, no recorte anterior, o locutor se dirige aos críticos das redes sociais, dessa vez, de forma direta, de acordo com o primeiro enunciado do fragmento em questão. Nesse aspecto, o colunista articula a ironia por meio de um *ethos* dito (quando o locutor se refere a si mesmo na enunciação, de modo a caracterizar-se) que tende a concordar com a opinião de seus críticos, de modo a criar um “contrato” com seu auditório particular¹⁹, segundo nos mostra Perelman e Olbrechts Tyteca, como forma de aproximação a ele.

Em forma de diálogo, o colunista se dirige a seu auditório particular por meio de uma pergunta na qual ele mesmo responde. Utilizando verbos que denotam certa força argumentativa, a exemplo do verbo “comprometer-se”, o locutor cria uma espécie de pacto com o interlocutor. A partir de tais elementos, se supõe que o interpretador reconheça os efeitos irônicos que essas construções poderiam indicar: o *ethos* dito (“*soy muy estomagante, siempre hago lo mismo, me creo más gracioso que soy...etcétera*”) se apresenta como uma forma de aproximação ao auditório, no entanto, o *ethos* mostrado (quando seu esboço se dá por meio dos elementos linguístico-discursivo) representa uma formação discursiva de tendência irônica. Em outras palavras, pensamos que exista um uso hiperbólico da adjetivação, dando a pista do efeito irônico. Nesse sentido, lembra a suposta simulação de um pensamento crítico do leitor com relação a ele.

Ainda com relação ao *ethos* dito, temos a seguinte sequência:

- (14) Puedo hablar con conocimiento de causa sobre cómo *SOMOS*, así en general, los que por las razones que sea hemos caído en gracia y *nos encontramos* en el Olimpo de la fama.

Apuntad: *Nos gusta* que nuestras aportaciones se tomen en cuenta sí o sí. (...). Hay un aura que *nos envuelve* y nos hace brillar siempre y no entendemos cómo existe gente que se resiste a ella. La mediocridad *nos marea*. *No entramos* en discusiones si en nuestra cabeza está la cosa súper clara. No nos gusta perder el tiempo. (...). No esperéis que saludemos al llegar. Nunca nos pidáis explicaciones. ¡Claro que quieren algo de nosotros! todos lo quieren. Con los aduladores se puede hacer tertulia. Por norma general no nos acordamos de

¹⁹ Perelman e Olbrechts Tyteca reconhecem três tipos de auditório: o auditório universal (constituído por toda a humanidade), o auditório particular (constituído pelo “único” interlocutor a quem o locutor se dirige) e o auditório íntimo (integrado pelo próprio sujeito, quando este delibera sobre ou evoca as razões de seus próprios atos).

nadie, no nos pongáis en un compromiso. No tenemos porqué escuchar los problemas de los demás. Pensad siempre en el doble a la hora de pagarnos.

(Joaquín Reyes, 11/05/2015, N° 01)

Nesta ocorrência, a autoafirmação da própria imagem está explícita já na primeira linha com a utilização do verbo “somos” em letras maiúsculas. A partir disso, o locutor se autointitula como um “deus” da fama, já que faz referência ao Monte Olimpo que, de acordo com a mitologia grega, é a morada dos 12 principais deuses do panteão grego. Apontamos, nesse ponto, o esboço de um *ethos* dito que indica a constituição de uma imagem de superioridade. Nesse aspecto, destacamos a impessoalização da linguagem com a utilização do sujeito na primeira pessoa do plural (“nos gusta”, “nos envuelve”, “nos marea”, etc.) e seus efeitos de credibilidade e de autoridade aos argumentos.

Nesse sentido, o locutor elenca, em forma de lista, um conjunto de “instruções” e de “conselhos”, organizados em enunciados relativamente curtos, para alcançar uma maior expressividade.

Observemos a próxima amostra:

(15) *Querido primo:*

¡*Qué contento* estoy de tenerte a mi lado! Aunque me esfuerce, no te encuentro ningún fallo. *Me gusta*, cuando estamos en un restaurante, que antes de que nos traigan la carta ya te hayas zampado el pan a pellizcos —por cierto, aprovecho para decirte *que TU* pan es el de la izquierda—. También *encuentro encantador* el ruido que haces al masticar, y que una vez terminada la pítanza no hagas siquiera el gesto de echarle la mano a la cartera. *Me agrada* también que, cuando me piden una foto y me ves dudar, me digas gritando: "*¡Venga Joaquín! ¡Hazte la foto! ¡Es el precio de la fama!*". Y también que te ofrezcas a hacerlas y que alargues el asunto, preocupado porque no estemos a contraluz o desenfocados o movidos y que siempre hagas dos por si acaso. Te agradezco esos momentos que me brindas. En fin... seguro que me dejo cosas en el tintero, es imposible abarcarlo todo, pero espero que con esto te hagas una idea.

Un abrazo de tu primo.

Pd: Si te invade la morriña, no dudes en volver a tu casa. Yo lo entendería.

(Joaquín Reyes, 21/11/2016, N° 12)

O primeiro aspecto que levaremos em consideração, nesse caso, é a forma de “apresentação” desse artigo: a carta aberta. Tal gênero se configura como sendo essencialmente argumentativo em que o autor dirige-se publicamente a um interlocutor com o objetivo de defender um ponto de vista ou de reivindicar aspectos de determinado assunto. Nesse contexto, o locutor deixa explícito o seu destinatário e elenca, ironicamente, uma série de eventos do cotidiano que o desagradam. Tais elementos são introduzidos pelas expressões

que indicam gostos e sentimentos, a exemplo de “me gusta”, “me agrada”, “encuentro encantador”, grifados no fragmento em análise e que, considerando o contexto, se supõe que indicam o contrário, fazendo menção à definição tradicional de ironia. Esse foi o segundo aspecto que destacamos dessa amostra.

Baseando-nos em tais considerações, queremos destacar que a natureza humorística de Joaquín Reyes se dá, essencialmente, em função de sua própria profissão, enquanto comediante. Nesse aspecto, por meio de nossas considerações analíticas, concluímos que o efeito humorístico que emerge das construções linguísticas é “atravessado” por distintos recursos e efeitos, a exemplo do paradoxo, de estereótipos e, em maior escala, pela ironia.

A partir do momento em que se destacam os efeitos da ironia – efeitos de sentido vinculados ao âmbito humorístico – vemos o humor como uma espécie de “trunfo” sobre os outros. Nesse contexto, como já comentamos anteriormente, é de fundamental importância a participação ativa do interlocutor para que os efeitos pretendidos sejam apreendidos de maneira adequada. Em outros termos, é importante que os interlocutores estejam inseridos nas mesmas formações discursivas e no mesmo contexto de produção. A continuação, discutiremos os efeitos de sentido que tais características podem provocar no processo de construção do *ethos* discursivo do locutor e suas relações com a prática docente, especialmente, de língua estrangeira.

3.3 O ESBOÇO DO *ETHOS* A PARTIR DOS EFEITOS DE SENTIDO EMERGIDOS NA MATERIALIDADE LINGUÍSTICA E SUAS ARTICULAÇÕES COM A PRÁTICA DOCENTE

Nesta seção, realizaremos a discussão dos resultados obtidos a partir das análises sobre o *corpus* deste trabalho. Desse modo, optamos por focar nos indícios constitutivos das expressões de humor e de ironia empregados pelo locutor em seus artigos jornalísticos de natureza argumentativa. Com isso, passamos a analisar algumas sequências enunciativas de acordo com os elementos supracitados para, neste momento, esboçar o *ethos* discursivo do locutor.

Dessa forma, queremos evidenciar que, em sua totalidade, os textos que utilizamos como *corpus* do nosso trabalho pertencem a um campo comum a todos: o humor. Como já comentamos anteriormente, essa condição se dá pela natureza da profissão de comediante que Joaquín Reyes desempenha em seu contexto. Nessa perspectiva, enquanto estratégia argumentativa, defendemos que o recurso do humor se configura como um elemento eficiente

no processo de persuasão. Sendo esta uma ideia de sensibilização do outro por meio de emoções, acreditamos nos efeitos de sentido que o humor provoca como uma forma de aproximação ao interlocutor.

Nesse sentido, para Charaudeau e Maingueneau (2014), a noção de *pathos* é utilizada para assinalar as discursivizações que funcionam sobre efeitos emocionais com fins estratégicos. Charaudeau se utiliza do termo efeitos patêmicos para descrever o agir do locutor sobre o sistema emocional do interlocutor. Afirma, ainda, que qualquer estudo dos efeitos patêmicos deve se apoiar em três condições:

- i. que o discurso produzido se inscreva em um dispositivo comunicativo: o *corpus* deste artigo corresponde à comunicação midiática, especificamente à artigos do domínio jornalístico.
- ii. que o campo temático preveja a existência de um universo de patemização: a construção de enunciados com fundo humorístico corrobora para tal universo.
- iii. que a enunciação deve compreender uma “encenação” discursiva que trabalhe para um fazer-criar e um fazer-sentir.

Desse modo, ao utilizar o recurso humorístico, o locutor pode valer-se da graça para despertar o interesse, orientar o pensamento, prolongar a atenção, suscitar a satisfação e provocar as emoções, ou seja, provocar alguma forma de ação e, principalmente, de reflexão em seu auditório. Nesse aspecto, o humor pode se apresentar como paixão na narrativa humorística, de modo a transformar-se em um recurso decisivo no processo de patemização. Portanto, com os efeitos de sentido provocados, essencialmente, pela ironia, acreditamos que o locutor apresenta uma nova forma de abordar os temas tratados.

Podemos dizer, nesse sentido, que a ironia exige do leitor uma participação ativa e efetiva no processo de negociação e de interpretação do sentido. Considerando que o *ethos* é o resultado da intersecção de dois olhares e que os olhares dos interlocutores se baseiam em representações pré-discursivas e discursivas, resulta uma questão fundamental relativa às características que o discurso irônico possui para que se construa a imagem do locutor. Por tais motivos, acreditamos que o público a quem o locutor se dirige é seletivo.

Nessa perspectiva, dado que os artigos jornalísticos do articulista em questão possuem um estilo marcado predominantemente pelo humor, pela ironia, pela autoafirmação da própria imagem e pela crítica ácida, essas particularidades transferidas ao fiador já influenciam a

esboçar determinado *ethos* que, por sua vez, surge de uma materialidade argumentativamente sublinhada. Nesse aspecto, concluímos que o locutor apresenta um *ethos* irônico que busca a empatia de um leitor com capacidade interpretativa refinada. Portanto, esse *ethos* já emerge como um argumento de autoridade, em termos aristotélicos, devido à postura discursiva construída frente a um grupo específico de leitores.

Em síntese, reafirmamos que a ironia e o próprio humor não são recursos compatíveis para qualquer interlocutor e em qualquer contexto, em especial quando tratamos de gêneros do domínio jornalístico virtual. Escrever nesse estilo em dias de “politicamente correto”, principalmente, no âmbito argumentativo, torna-se um grande desafio, uma vez que diferentes interpretações podem surgir de tais construções. Dessa forma, é relevante e indispensável reconsiderar a forma como se observa e determina a construção discursiva das imagens de si no trabalho com a materialidade linguística.

Nesse sentido, consideramos que a essência das reflexões acadêmicas que debatem a questão da (língua)gem no ensino perpassa pelo campo da Linguística da Enunciação, pelas noções de argumentação e de suas relações com o *ethos* discursivo e, dessa maneira, implicam a questão da subjetividade e da construção de imagens discursivas. Considerando que é no enunciado que o sujeito se revela e se marca, destacamos que o professor de língua estrangeira necessita aguçar seu olhar sobre a língua e sua materialidade, observando e analisando suas especificidades e sempre tendo em vista o universo discursivo no qual a materialidade está inserida. Assim sendo, enfatizamos que o aluno e, principalmente, o professor de Espanhol como Língua Estrangeira (E.L.E) precisam fazer uma imersão nas formações discursivas, formações ideológicas e contextos de todos os tipos. Enfim, devem adentrar no “universo” social, histórico e ideológico da comunidade na qual o texto está inserido.

No âmbito do ensino de E.L.E, tais noções apresentam um sentido ainda mais abrangente: o trabalho com a língua estrangeira não só permite iniciar um processo de construção de um “eu”, mas também permite refletir sobre a experiência e a perspectiva do outro. Nesse aspecto, concordamos com Revuz (1998) quando esta postula que “o eu da língua estrangeira, não é, jamais, completamente o da língua materna” (REVUZ, 1998, p. 225), ou, em outras palavras “aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se outro” (REVUZ, 1998, p. 227). Isso se dá, porque, em palavras de Kulikowski e González (1999), “consideramos que estudiar otra lengua es entrar en contacto con una nueva sistematicidad, con un nuevo orden de regularidades, con un ‘ya dicho’, un interdiscurso que no es nuestro y

que possibilita la construcción de sentido que le son propios” (KULIKOWSKI e GONZÁLEZ, 1999, p. 15).

Tais ideias refletem claramente as noções de alteridade e de identidade: “a alteridade é um outro, do qual depende a própria identidade. O outro e o eu estão numa relação complexa em que se remetem reciprocamente. Assim, o outro não só está fora como dentro do indivíduo” (HERMAN, 2006, p. 37). Logo, é necessário reconhecer o desconhecimento e o diferente que está em si e que está no outro para, a partir dessa relação, esboçar quem é cada um. Cabe destacar que essas noções são amplamente destacadas nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCMs), especificamente na parte destinada à discussão dos conhecimentos de Espanhol no Ensino Médio. Observamos que dito documento tem como um de seus objetivos:

(...) proporcionar algumas reflexões de caráter teórico-prático que nos levem a compreender um pouco mais os conflitos inerentes à educação, ao ato de ensinar, à cultura que consolida a profissão de professor, ao aprendizado de Línguas Estrangeiras e à construção de visão de mundo. (...). Trata-se de uma reflexão de caráter amplo, que inclui alguns indicadores cuja finalidade é nortear o ensino de língua estrangeira, nesse caso o Espanhol, no ensino médio, dar-lhe um sentido que supere o seu caráter puramente veicular, dar-lhe um peso no processo educativo global desses estudantes, expondo-os à alteridade, à diversidade, à heterogeneidade, caminho fértil para a construção da sua identidade (BRASIL, 2006, p.129).

Portanto, o ensino do Espanhol deve “levar o estudante a ver-se e constituir-se como sujeito a partir do contato e da exposição ao outro, à diferença, ao reconhecimento da diversidade” (BRASIL, 2006, p. 133), de modo que o professor de língua estrangeira seja considerado como um mediador intercultural e agente na (co)construção de saberes que visam a formação de um cidadão preparado para interagir ativamente com seus pares no contexto caracterizado por uma visão de mundo plural e que contemple a diversidade de perspectivas.

Recordamos, também, as palavras de Morin (2011), quando este se refere aos sete saberes necessários à educação do futuro. Para o autor,

é importante ter o pensamento complexo, capaz de relacionar, contextualizar e religar diferentes saberes ou dimensões da vida. A humanidade precisa de mentes mais abertas, escutas mais sensíveis, pessoas responsáveis e comprometidas com a transformação de si e do mundo. (...). São necessárias novas práticas pedagógicas para uma educação transformadora que esteja centrada na condição humana, no desenvolvimento da compreensão, da sensibilidade e da ética, na diversidade cultural, na pluralidade de indivíduos, e que privilegie a construção de um conhecimento de natureza transdisciplinar, envolvendo as relações indivíduo – sociedade (MORIN, 2011, p. 13).

A partir do exposto, destacamos que “é fundamental trabalhar as linguagens não apenas como forma de expressão e comunicação, mas como constituintes de significados, conhecimentos e valores” (BRASIL, 2006, p. 131), de maneira a levar em consideração as quatro premissas apontadas pela Unesco como eixos estruturais da educação da sociedade contemporânea: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e, por fim, aprender a ser. Esses princípios encaixam-se no que Dante Gallian (2017), em seu livro intitulado “A literatura como remédio”, chama de humanização. Enquanto ampliação da esfera da presença do ser, a humanização visa:

suscitar uma experiência que envolva e mobilize o ser humano pessoal em toda sua dimensão (afetiva, intelectual e volitiva), que conflua para uma ampliação do conhecimento do humano e, assim, para o autoconhecimento e que possa contribuir para a revisão de perspectivas, gestos e atitudes, não apenas na vida profissional, mas na vida como um todo (GALLIAN, 2017, p. 98-99).

Ao fim e ao cabo, apresentamos esse recorrido sobre a prática docente para fundamentar a escolha teórica do nosso trabalho: observar os fenômenos linguísticos por meio do viés enunciativo-discursivo pode aperfeiçoar o olhar do professor e do professor em formação com relação ao funcionamento linguístico, com a finalidade de sensibilizá-lo sobre a emergência do sujeito na linguagem e sobre sua natureza intersubjetiva. Além disso, ao pensarmos no sujeito e investigarmos suas marcas no sistema da língua implica interpretar o mundo de maneira sempre atualizada, uma vez que a enunciação é sempre única e irrepetível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos esta monografia, queremos recuperar, de forma sucinta, os objetivos, a hipótese, os pressupostos teóricos, a metodologia e os resultados que constituíram nossa investigação. Considerando que o artigo jornalístico se configura como a enunciação de um discurso argumentativo, delineamos, como objetivo principal, a compreensão da constituição do *ethos* discursivo tendo em vista os efeitos de sentido provocados, principalmente, por mecanismos de humor e de ironia, articulados a diversos mecanismos linguísticos, bem como de suas influências no processo argumentativo.

Para isso, selecionamos para análise, dentro de um *corpus* total formado por 85 artigos, 12 textos do comediante Joaquin Reyes publicado no jornal *El País*, a partir dos quais buscamos determinar o humor como característica comum a todos os textos, de modo a evidenciar a forma como tal recurso se torna um mecanismo argumentativo de aproximação ao interlocutor. Desse modo, destacamos que o próprio locutor, ao enunciar e deixar marcas de si na materialidade linguística, vai construindo a sua própria imagem, a qual chamamos de *ethos* discursivo. Dado que toda enunciação, na perspectiva de Benveniste, além do “eu”, diz respeito a um “tu”, ao identificarmos o perfil discursivo do locutor, podemos esboçar, também, o do interlocutor.

Para dar conta de tais reflexões, nos fundamentamos nos pressupostos teóricos da Linguística da Enunciação, no que se refere às marcas do sujeito na língua; nas noções de *ethos* discursivo, a partir dos estudos da Retórica e da Análise do Discurso; na questão do *ethos* no quadro da argumentação, baseando-nos nos estudos de Aristóteles; na relação do artigo de opinião de natureza argumentativa com a enunciação, por meio da Linguística Textual e, por fim, nos pressupostos teóricos do humor e da ironia e de suas articulações com a Retórica. Assim sendo, ao adotarmos um ponto de vista enunciativo, buscamos entender o que as marcas linguísticas nos indicam sobre os sentidos da enunciação do sujeito.

Para tanto, nossos procedimentos metodológicos basearam-se em Ginzburg (1989), em seu modelo de investigação indiciária. Com isso, nos voltamos para a identificação e para a discussão mais detalhada dos indícios reveladores de características do *ethos* do locutor que emergem da materialidade linguística. Em decorrência desse paradigma indiciário, foi possível avançar em nossos estudos para além da descrição linguística, uma vez que procuramos estabelecer os diversos procedimentos de produção de sentidos por meio das condições que a língua nos oferece.

Nesse sentido, enfrentamos alguns desafios quanto à realização deste trabalho, principalmente, no que se refere à fundamentação teórica sobre o humor, devido à heterogeneidade de perspectivas que tal noção apresenta. Para contornar esse obstáculo, buscamos aporte em diferentes áreas: na Filosofia, na Antropologia, na Linguística, etc. fundamentando-nos a partir dos estudos de Henri Bergson, Vladimir Propp, Georges Minois, Luiz Carlos Travaglia e Sírio Possenti para nos ajudar a ampliar a discussão sobre o humor. Sendo assim, consideramos que o humor não está restrito a determinados tipos de texto: o humor se configura como um efeito de sentido que se inscreve numa determinada formação discursiva, originando-se de um encadeamento de desconstruções de sentidos. Tal encadeamento faz surgir diferentes estratégias, entre as quais podemos citar a ironia.

Cabe destacar que, de acordo com Minois (2003), a humanidade sempre contou com a presença do humor. Ao longo da história, seu discurso teve momentos de maior aceitação e de difusão e, em outros, de rejeição e de proibição. No entanto, nunca deixou de existir. Com a capacidade de permitir um novo olhar sobre as relações cotidianas e sociais, permite a reflexão acerca do mundo e da sociedade. Ainda que, muitas vezes, o humor seja relacionado a uma forma de entretenimento, existem muitos meios de se apresentar o humor com todo seu fundo crítico, sua possibilidade de reflexão e suas sutilezas, como no caso dos textos de nosso *corpus*. Nessa perspectiva, estamos de acordo com Justo (2006) quando este afirma que “o humorismo não é um gênero frívolo, por si, como a alegria não é um sentimento banal. São extremamente importantes e poderosos como recursos de transformação da subjetividade e do mundo” (JUSTO, 2006, p. 124). Considerando estas condições, entendemos que o humor possui características que o tornam universal, mas também que se trata de um exercício individual de transformação do pensamento.

De forma geral, destacamos a importância desta pesquisa em relação ao estudo do *ethos* e da construção de sentidos a partir de uma perspectiva da Linguística da Enunciação. Alicerçados em tais perspectivas teóricas, concebemos a linguagem humana mais do que um instrumento de comunicação em sua função expressiva: a consideramos como um meio pelo qual emergem e se produzem significados e subjetividades. Em conformidade com esse pressuposto, entendemos a linguagem como objeto situado social e historicamente, também levando em conta os processos e as condições de produção, o contexto dado e as ideologias as quais está vinculada. Portanto, a linguagem é tomada como forma de discurso.

Nesse sentido, nosso trabalho se configura como uma tentativa de colaborar com os estudos da transversalidade linguística, aspecto discutido na primeira seção de nossa fundamentação teórica e cuja proposta se fundamenta no estudo da língua em todos os seus

níveis. Assim sendo, compreendemos as marcas da enunciação como um mecanismo utilizado pelo locutor para se singularizar em um determinado contexto, ou seja, se enunciar é construir mecanismos que visam singularidade, tornando o locutor um sujeito, então esse mecanismo não pode ser tomado na linearidade. Ele atravessa a língua em seu conjunto.

Em outras palavras, entre os motivos da proposta do trabalho estar relacionada à formação de professores de espanhol como língua estrangeira está o aporte teórico da perspectiva enunciativa, adotada para a realização das nossas análises do *corpus*. Esta contribui para o refinamento do olhar analítico do professor, no sentido de articular a relação entre forma e sentido.

Além do mais, sabemos que é por meio de determinados aspectos identificados em uma análise enunciativa que é possível identificar características enunciativo-discursivas da língua espanhola, usadas em uma determinada sociedade, em um determinado contexto e que esboçam uma representação discursiva do enunciador. Estes matizes podem ser entendidos como ilustrações de questões relacionadas à modalidade da língua, ao registro da língua, às articulações semânticas e morfossintáticas e à sistematicidade do gênero.

Para finalizar, temos consciência de que muitos outros aspectos de cunho linguístico/discursivo/enunciativo ainda podem ser investigados a partir do nosso *corpus* de pesquisa, no entanto, queremos enfatizar que, seguramente, os estudos realizados neste trabalho nos permitiram um aperfeiçoamento muito grande do nosso olhar analítico. Desse modo, objetivamos, em circunstâncias futuras, dar continuidade aos estudos pela perspectiva da Linguística da Enunciação, por acreditarmos na relevância de direcionar os estudos linguísticos a um olhar enunciativo, mais especificamente, de como o homem se marca na língua.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. **As imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

ARISTÓTELES, **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Júnior et al. São Paulo: Editora WMF – Martins Fontes, 2012.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. IN: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

BEACCO, J. C. “Corpus”. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 137-140, 2006.

BENVENISTE, E. “Da subjetividade na linguagem” (1958). IN: BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri; Revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo, Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BENVENISTE, E. “O aparelho formal da enunciação” (1970). IN: BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et al. – 2ª edição - Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara, 1987.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica** / Beth Brait. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. rev. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. “Conhecimentos de espanhol”. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens Códigos e suas Tecnologias**. v.1. Brasília: Ministério da Educação, p. 127-164. 2006.

CASTRO, M. L. D. de. “A dialogia e os efeitos de sentido irônicos”. In: BRAIT, B. (org). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2014.

- CHARAUDEAU, P. **Dicionário de análise do discurso** / Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau; coordenação de tradução Fabiana Komesu. 3 ed.; 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto: 2014.
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- DUARTE, C. **Uma análise de procedimentos de leitura baseada no paradigma indiciário**. Campinas, Unicamp, Dissertação de Mestrado, 1998.
- DUCROT, O.; CAREL, M.. **Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 7-18, jan./mar. 2008.
- EGGS, E. “*Ethos* aristotélico, convicção e pragmática”. IN: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005.
- FIORIN, J. L. “Da necessidade da distinção entre texto e discurso”. IN: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. **Texto ou discurso**. São Paulo: Contexto, p. 129-143, 2012.
- FIORIN, J. L. **Figuras de Retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FLORES, V. N.; SILVA, S.; LICHTENBERG, L; WEIGERT, T. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, V. N et al. **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FLORES, V. N. “A enunciação e os níveis de análise linguística”. IN: **SITED: Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso**, 2010, Porto Alegre, PUCRS. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/ValdirdoNascimentoFlores.pdf>>. Acesso em: 04 de novembro de 2016.
- FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. Valdir do Nascimento Flores e Marlene Teixeira. – 2. Ed., 2ª reimpressão. - São Paulo: Editora: Contexto, 2013.
- FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. 1ª ed. – São Paulo: Parábola, 2013.
- GALLIAN, D. **A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma**. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- HERMANN, N. “Ética, estética e alteridade”. In: TREVISAN, A. L.; TOMAZETTI, E. M (Orgs.). **Cultura e Alteridade – Confluências**. Ijuí: Editora Unijuí, p. 32-40, 2006.
- JUSTO, J. S. “Humor, educação e pós-modernidade”. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Humor e Alegria na Educação**. São Paulo: Summus, 2006.

KAUFMAN, A. M.; RODRÍGUEZ, M. E. **Escola, leitura e produção de textos**. Artes Médicas: Porto Alegre, 1995.

KOCH, I. V. **Escrever e argumentar**. Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

KULIKOWSKI, M. Z. M.; GONZÁLEZ, N. T. M. “Espanhol para brasileiros: sobre por dónde determinar la justa medida de una cercanía”. In: **ANUARIO BRASILEÑO DE ESTUDIOS HISPÁNICOS**. n.9. Brasília: Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de España en Brasil, p.11-19, 1999.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP. Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. Dominique Maingueneau. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Peres de Souza e Silva. 1ª ed. Curitiba, Paraná: Criar Editora, 2006.

MAINGUENEAU, D. “A propósito do *ethos*”. IN: MOTTA, A. N.; SALGADO, L. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2008.

MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais, definição e funcionalidade”. IN: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R.; BEZERRA, M.A. **Gêneros textuais e ensino**. - 4.ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual e análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINOIS, G. **História do Riso e do escárnio** / Georges Minois; tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. rev. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

PEREIRA, A. E. “‘Escovando’ palavras: movimentos possíveis de interpretação”. IN: FANTI, M. da G. di.; BARBISAN, L. B. (orgs): **Enunciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

PERELMAN C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação: A Nova Retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, C. “Panorama actual de los estudios sobre argumentación: de la deslegitimación a la reinención”. IN: DOURY, M.; MOIRAND, S. (eds.) (2004): **La argumentación hoy. Encuentro entre perspectivas teóricas**. Madrid: Montesinos ensayos, 2004, p. 167-188.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

PROPP, V. **Comicidade e Riso**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

REVUZ, C. “A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio”. IN: **Língua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado**. São Paulo: Mercado das Letras, p. 213-230, 1998.

REYES, G. **Los procedimientos de cita: citas encubiertas y ecos**. Madrid: SGEL. 1993.

REYES, J. “Porque lo digo yo”. **Jornal El País**. Espanha. 2016-2017. Disponível em: https://elpais.com/agr/porque_lo_digo_yo/a. Acesso em: 10 de setembro de 2016.

TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. **DELTA**, São Paulo, v. 6, n. 1, pp. 55-82, fev. 1990.

TRAVAGLIA, L. C. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. **Leitura: estudos linguísticos e literários**. Maceió, Universidade Federal de Alagoas, n. 5, 6, p. 42-79, 1992.

ANEXOS

ANEXO A – ARTIGOS DE JOAQUÍN REYES

(01)

Soy un famosillo

Puedo hablar con conocimiento de causa sobre cómo SOMOS los que por las razones que sea nos encontramos en el Olimpo de la fama

Aprovecho mi primera columna en este renovado EL PAÍS para reivindicarme, porque puede que sea columnista (ahora) pero ante todo soy un famosillo. Hay tres categorías conocidas: famoso, famosillo y famosete. O sea que, para que se hagan una idea, soy menos conocido que un actor del reparto de *El Príncipe* pero bastante más que un tronista de *Hombres y mujeres* y *viceversa*. Por lo tanto puedo hablar con conocimiento de causa sobre cómo SOMOS, así en general, los que por las razones que sea hemos caído en gracia y nos encontramos en el Olimpo de la fama.

Apuntad: Nos gusta que nuestras aportaciones se tomen en cuenta sí o sí. No nos sentimos en la obligación de pagar en ningún sitio. Hay un aura que nos envuelve y nos hace brillar siempre y no entendemos cómo existe gente que se resiste a ella. La mediocridad nos marea. No entramos en discusiones si en nuestra cabeza está la cosa súper clara. No nos gusta perder el tiempo. Estamos abiertos a nuevas amistades porque la mayoría de la veces nuestros amigos de toda la vida se han vuelto unos estomagantes. Hacer cola no es para nosotros. Por supuesto que nos hacemos de rogar. No esperéis que saludemos al llegar. Nunca nos pidáis explicaciones. ¡Claro que quieren algo de nosotros! todos lo quieren. Con los aduladores se puede hacer tertulia. Por norma general no nos acordamos de nadie, no nos pongáis en un compromiso. No tenemos porqué escuchar los problemas de los demás. Pensad siempre en el doble a la hora de pagarnos.

(*El País – Porque lo digo yo*: 11 de maio de 2015)

(02)

Columna ucrónica

¿Me vais a permitir una columna ucrónica? Pues allá voy: ¿Qué hubiera pasado si no se hubiera producido 'El Tamayazo'?

¿Me vais a permitir una columna ucrónica? Sé que lo sabéis, pero por si acaso: la ucronía es un género literario que propone una versión alternativa de la historia. Que hubiera pasado si... Los nazis hubieran ganado la guerra, los dinosaurios no se hubieran extinguido, Rosa de España hubiera ganado Eurovisión... etcétera.

Pues allá voy: ¿QUÉ HUBIERA PASADO SI NO SE HUBIERA PRODUCIDO *EL TAMAYAZO*?

El 10 de junio Eduardo Tamayo y María Teresa Sáez desayunan un café bebido, van a votar y efectivamente votan: Rafael Simancas es investido presidente de la Comunidad de Madrid con el apoyo de los 9 diputados IU. El PP acepta los hechos con caballerosidad, en declaraciones de su entonces presidente Mariano Rajoy: “El PSOE está en su derecho de pactar con IU para conseguir la presidencia de la Comunidad. Una alianza entre la izquierda no es el apocalipsis. Desde el PP le deseamos lo mejor”. Comienza una nueva era, que al principio bien pero luego regular. Resumiendo mucho, Rafael Simancas se convierte en un líder fuerte dentro del partido, lo que se podría llamar un superbarón, y gana las siguientes dos elecciones con mayoría absoluta y hace de su capa un sayo y afloran los casos de corrupción entre sus adláteres y eso. Incluso protagoniza un escándalo con unos agentes de movilidad, porque aparca su coche en medio de la Gran Vía para sacar dinero de un cajero. Nada parece frenarle. Pero entonces, surge la figura de una mujer que, desde abajo, y liderando el descontento de un amplio sector de la ciudadanía, consigue plantar cara al plutócrata. Su nombre: ESPERANZA AGUIRRE.

(El País – Porque lo digo yo: 08 de junho de 2015)

(03)

A mis críticos**Mi prioridad ahora es conseguir ganarme el afecto de esa masa informe y heterogénea**

Abandoné, para ver qué decían de mí en Internet, mi torre de marfil (normalmente vivo despreocupado, ajeno a las opiniones). Y en qué momento. Lo que me encontré ahí fue un maremágnum de críticas: que si me repetía más que el ajo, que si no tenía ni puñetera gracia, que me volviera para mi pueblo... En definitiva, muchas y muy variadas pero todas bastante expeditivas. Me quedé como a un conejo cuando le dan las largas y sentí algo parecido a lo que se experimenta en un cambio de rasante pero multiplicado por mil: Vértigo ¿cómo podía yo vivir así de feliz cuando tanta gente mostraba su disgusto conmigo en la red de redes? Yo sonriendo complacido con mis ocurrencias, mirándome al espejo en mi comfortable ignorancia, mientras una legión de almas sensibles estaban tristes y ofendidas. Fans de toda la vida a los que había decepcionado con mis últimos proyectos, espectadores furtivos que solo con verme un momento ya se habían formado una opinión totalmente desfavorable de mí y otros que incluso habían llegado a esa conclusión sin conocerme de nada. Lo que estaba claro es que a todas esas personas, que pudiendo cambiar de canal o parar el reproductor de vídeo o incluso mirar para otro lado no lo hicieron, les había proporcionado un mal rato. ¡Qué mal! Mi prioridad ahora, como no puede ser de otra forma, es conseguir ganarme el afecto de esa masa informe y heterogénea, por lo tanto, permitidme un alegato:

Críticos de las redes sociales a vosotros me dirijo. Primero de todo deciros que tenéis más razón que un santo: soy muy estomagante, siempre hago lo mismo, me creo más gracioso de lo que soy... etcétera. Mi corazón está lacerado de dolor porque en vez de una sonrisa os he provocado hastío y frustración. ¿Cómo podría compensaros? Es difícil, pero a partir de ahora me comprometo a pensar en vosotros todo el rato y no daré ni un solo paso profesional sin estar seguro de que no os voy a decepcionar *one more time*. Tened la certeza de que os amo con locura.

Pd: Si supiera donde vivís todos y cada uno de vosotros me personaría y os daría un abrazo y un beso de abuela.

(*El País – Porque lo digo yo*: 13 de julho de 2015)

(04)

Cuatro paradojas

¿Por qué las tiendas de 24 horas tienen puerta si, como su propio nombre indica, nunca cierran?

Paseando por mi barrio reparé en un negocio que de repente había cerrado. Nunca le preste atención, pero ahora al verlo en esa situación sentí pena y me acerqué a mirar que era. Esto rezaba el cartel: "Siberet asesoría de empresas". Entonces pensé: "Asesoraban empresas y han cerrado. O sea, ellos venga a dar buenos consejos a otras empresas mientras la suya se iba a pique, sin olerse la tostada". ¡Una!

Hace unos días me llamó un amigo al móvil desde Londres a las dos de la mañana, para decirme muy preocupado que le llegaban unas facturas tremendas de teléfono y que apenas podía pagarlas. Para contarme esto estuvo casi 20 minutos de reloj, después ya más tranquilo se interesó por mí y me preguntó si me contaba algo, porque no tenías ganas de colgar. ¡Dos!

La otra tarde, mi mujer visiblemente alterada me espetó: "No esperes que te diga lo que tienes que hacer, ¡tiene que salir de ti!" Y entonces yo le respondí: "¿No te das cuenta de que al decirme eso, ya me estás diciendo lo que tengo que hacer?" ¡Tres! (Por cierto querido lector, por una vez y sin que sirva de precedente no supo que responderme, cerró la boca, ¡touché!)

No soy yo una persona que suela desvelarse. Como se suele decir no me llega la cabeza a la almohada, supongo que ayuda no tener excesivas preocupaciones y además que... bueno, donde no hay mata no hay patata, pero el otro día tardé más de la cuenta en *echar la persiana* por culpa de la cuarta paradoja: "¿Por qué las tiendas de 24 horas tienen puerta si, como su propio nombre indica, nunca cierran?"

(*El País – Porque lo digo yo: 07 de setembre de 2015*)

(05)

Búsquedas de Google

Los historiales de navegación de los grandes estadistas actuales, de Mariano Rajoy a Vladimir Putin

Mi mujer y yo en El Oeste hogar, eligiendo telas para unas cortinas. "Cariño – preguntaba sosteniendo una muestra en cada mano-, ¿Cretona o Crepilo? ¿Cretona o Crepilo?". El porqué desconecto en estos momentos tan trascendentales de la vida en pareja es un misterio, pero lo que era seguro es que mi mente, en esos instantes, volaba libre.

"Cariiiiño... ¿Cretona o Crepilo?".

No había manera, en mi cabeza chorradas como pianos iban y venían sin dejar espacio a nada más. De repente una de ellas creció como una flor: ¿cómo serían los historiales de búsqueda en Google de los grandes estadistas actuales? ¡*Tachán!*

Mariano Rajoy: existe la nacionalidad catalana. Historia del puro. Cómo hablar en público. Problemas que se resuelven solos a corto plazo. Gafas progresivas. Problemas que se resuelven solos a medio plazo. Tintes pelo sí barba no. Problemas que se resuelven solos a largo plazo. Clases de *zumba*. Cuántos *toursganó* Perico Delgado. Retruécanos.

Vladimir Putin: la berrea en Siberia. Efectos del polonio. *Ra, Ra, Rasputín*. Grandes Imperios. El poder de la mirada. Novedades en rifles.

Artur Mas: independencia. Seducir con la sonrisa. Independencia del Congo. Los Pitufos. Independencia de Moldavia. Grandes líderes de la historia. El final de los *Serrano*. Montaje flecha pebetero 92. Victoria pírrica. Cómo preparar setas a la plancha.

"Cariño ¿me estás oyendo? ¿Cretona o Crepilo?".

Angela Merkel: técnicas para convencer. Descargar *Frozen* DVDRIP torrent. Batidos *detox*. El lenguaje de las manos. Mascotas graciosas YouTube. Dónde está Crimea.

Entonces todo ocurrió muy rápido: enfado, reproches, espantada. Y estas fueron las búsquedas que hice a continuación: arreglar problemas de pareja. Cenas románticas. Dormir en el sofá dolor de espalda.

(*El País – Porque lo digo yo*: 03 de outubro de 2015)

(06)

Un pelín cabrón

La gente que dice: "me piro vampiro", "vaya toalla", "en fin Serafín", "como mola la gramola", "la caña de España"... ¿esa gente no merece morir?

Lo reconozco, lo soy. Un ejemplo: el otro día vi como un hombre mayor y gordete corría para coger el autobús y pensé: ojalá no lo consiga. ¿Por qué? ¿Qué ganaba yo con eso? El señor se pegó una buena carrera y finalmente le dio alcance, entonces, resollando preguntó, "¿Es el que va a plaza Castilla?". "¡No!", dijo el autobusero (como solo ellos saben decirlo); se había equivocado. ¡Carrerita en balde! Me reí entre dientes.

Más ejemplos de lo mío: me reencontré hace poco con un antiguo compañero de clase, el que siempre salía elegido delegado ni más ni menos. Entonces era bien parecido, hercúleo, magro y flexible; tenía un pelazo rubio increíble, abundante, tornasolado, que movía de derecha a izquierda, mientras lanzaba miradas de condescendencia, o eso nos parecía a todos. Bien, ahora está gordo y se ha quedado completamente calvo (solo le queda ya un rodapié de pelo). Me alegré interiormente, a pesar de que con esto tampoco sacaba yo beneficio alguno.

¿Por qué soy así? Este pensamiento me sume en un profundo abatimiento, pero luego me digo: hay gente peor. Hay gente que merece morir, directamente. La gente que dice: "Me piro vampiro", "vaya toalla", "en fin Serafín", "como mola la gramola", "la caña de España"... ¿esa gente no merece morir? La gente que dice: "¿No es feo es... LO SIGUIENTE?". ¿Esa gente no merece morir? O los que dicen: "Como dijo Jack el destripador... vamos por partes". ¡Ay, qué rabia! O Los que cuando les dices que te duele algo, ya les dolía antes a ellos y siempre más que a ti. ¿Esa gente no merece morir? O los peores de todos: los que no te esperan en el ascensor. Pensar en esta gente me alivia.

(El País – Porque lo digo yo: 12 de outubro de 2015)

(07)

A mi amigo invisible**Gracias, gracias y mil gracias por el regalo que me entregaste en Nochebuena: un bote para los lápices hecho con arcilla**

Querido amigo invisible:

Gracias, gracias y mil gracias por el regalo que me entregaste en Nochebuena: un bote para los lápices hecho con arcilla. Tiene mucho mérito porque pudiendo ir a lo fácil y, no sé, obsequiarme con unos altavoces *beats*, un limpiazapatos eléctrico Hoberg, un Iphone 6S o incluso un *set* de gin-tonic con utensilios para el perfecto anfitrión —que seguro te rondaron por la cabeza— decidiste tú mismo con tus manitas moldearme un bote para los lápices.

Valoro también el hecho de que tenga esa forma irregular y que más que un cilindro, parezca una morcilla de Burgos. Estoy seguro de que fue premeditado y que pudiendo hacerlo con pericia y maestría maniquea, te decidiste por ese camino, mucho más original, de lo amorfo. Como a ti, a mí también la perfección me hacía.

Y pensando en ese bote de los lápices de arcilla atávico (que apenas si se conseguía tener en pie), irregular e inverosímil, me siento halagado porque si pensaste en mí al idearlo y después al llevarlo a cabo, es que tienes una bonísima imagen de mí; como de alguien espiritual, que no se deja seducir por la estética de lo inmediato, por la sexualidad mal entendida, que valora las cosas importantes de la vida (y no lo material), alguien sensible y puro. Efectivamente, así soy pero lo más curioso es que hasta ahora no me había apercebido, ha sido tu bote de los lápices de arcilla quien me lo ha revelado alto y claro. Una vez más: gracias, gracias y mil gracias amigo invisible. Posdata: creo que al final con las prisas me lo dejé olvidado en la repisa de la cocina.

(*El País* – *Porque lo digo yo*: 28 de dezembro de 2015)

(08)

Críticas en Twitter

Son una queja, un lamento alzado. Proviene de alguien que sufre, un alma sensible que al ver nuestro último trabajo ha sentido asco y repugnancia y vértigo y hastío

Nada debería importarnos más (sobre todo a los artistas) que la opinión de un desconocido vertida en el Twitter. Pero no me refiero a los halagos vacíos y dóciles, si no a los exabruptos salpicados de impertinencias y descalificaciones (y en muchos casos faltas de ortografía). Esos y solo esos son los que nos tiene que causar una honda impresión, como no podría ser de otra forma; están hechos para espolearnos, para que no nos durmamos en los laureles. Que son merecidos está fuera de toda duda razonable, y que nos vienen fenomenal creo que ha quedado claro en lo expuesto anteriormente. Pero hay algo más: son una queja, un lamento alzado. Proviene de alguien que sufre, un alma sensible que al ver nuestro último trabajo ha sentido asco y repugnancia y vértigo y hastío. Y que seguramente harto ya de guardar silencio, y después de una profunda reflexión, ha decidido valientemente hacérselo saber sin asomo de cinismo. Hay algunos compañeros míos que reaccionan de una forma airada, heridos en su ego. Error. Los conmino a que cambien de actitud y que con humildad digamos a esas personas que hemos disgustado o decepcionado o aburrido o las tres cosas combinadas en infinitos cócteles amargos: perdón, nos hemos equivocado, no volverá a ocurrir. Y sobre todo gracias, gracias y gracias por ser el látigo que todo creador necesita.

PD: Me aposté con Juan Cruz a que era capaz de utilizar en esta columna las palabras: Exabrupto, repugnancia y cinismo y los verbos “espolear” y “conminar”, así es que... ¡Juan Cruz, ya puedes ir soltándome mis cinco euros!

(El País – Porque lo digo yo: 15 de fevereiro de 2016)

(09)

Repetición

¿Acaso se han parado a pensar lo que cuesta tener buenas ideas y después transformarlas en un mecanismo dialéctico capaz de producir hilaridad?

Nunca nadie se había atrevido a espetármelo a la cara, pero me dicen que se comenta en las redes sociales –a las cuales no se me ocurre asomarme, precisamente, por miedo a encontrarme con algo tan demoleedor como la verdad desnuda y cruel, sin ambages- QUE ME REPITO MÁS QUE EL AJO. Parece ser que un avezado espectador detectó las mismas bromas en un monólogo de *El club de la comedia*, de *Central de cómicos*, de *Sopa de gansos* y también, de forma parcial en, al menos, tres entrevistas. Y, claro está: lo publicó. Y como es costumbre en la comunidad virtual, otros se dedicaron a disertar sobre el rumor –dándolo, en su mayoría, por cierto-, sin reprimir todo tipo de epítetos hacia mi persona. Bueno, les doy la enhorabuena, es verdad, aunque... ¿Qué esperaban? ¿Acaso se han parado a pensar, esa gente con tanto tiempo libre, lo que cuesta tener buenas ideas y después transformarlas en un mecanismo dialéctico capaz de producir hilaridad? Los cómicos, en este caso, somos como abejas que nos posamos en la flor de la inspiración y de ella libamos para después elaborar la miel de la risa. Porque sí, a veces es el viento el que esparce el polen de las buenas ocurrencias y nos beneficiamos. Sin embargo, siendo sincero, esto ocurre muy pocas veces. Lo que intento explicar, por si las metáforas no han quedado claras, es que todo este proceso creativo es muy esforzado, en ocasiones infructuoso, como para una vez alcanzado el éxito no amortizarlo. Y una vez que ha quedado claro, les dejo con esta broma: ¿Por qué cuándo dices "tienes un chicle", la gente te responde: "que si quiero o que si tengo"?

(*El País – Porque lo digo yo*: 02 de maio de 2016)

(10)

Voté a Podemos y... ¡Oh dios mío! Lo volveré a hacer**Camino con la sonrisa del que no tiene un pensamiento crítico y soy propenso, por lo tanto, a tomar malas decisiones**

Soy una persona ingenua, fácilmente manipulable, que se deja seducir por cantos de sirena y a la que se la suelen meter doblada. No me entero de la misa la media, como suele decirse, camino hacia el futuro con la sonrisa del que no tiene un pensamiento crítico y soy propenso, por lo tanto, a tomar malas decisiones (me viene de familia, mi padre, por ejemplo, se decantó por el Vídeo 2000). En resumidas cuentas: que soy tontísimo, que no tengo remedio y que por lo tanto volveré a votar a Podemos, o mejor dicho, a Pablo Iglesias (porque los *podemitassomos* muy personalistas y practicamos el culto al líder todos los días). Y mira que son muchos los próceres (y me refiero a los de izquierdas) que me advierten de los riesgos, no será que no me lo repiten desde diversas tribunas: (sobre Pablo Iglesias) “su aportación parlamentaria ha sido el *postureo*, los malos modos en la Cámara y la más banal retórica”, (sobre Podemos) “...son gente dispuesta a lo que sea con tal de conseguir el poder”, (otra vez sobre Pablo) “...es caudillista, megalomaniaco, demagógico y taimado”.

Pero yo hago oídos sordos, sobre todo por lo que he dicho antes, pero también por tozudez, por no apearme del burro y por hacerles rabiar. O sea, que a parte de tonto soy también un frívolo.

Así pues, el 26J voy a ir a votar con una sonrisa, porque si Pablo dice “¡ladra!”, yo digo: “¡Guau!”.

Y ahora zanjado este tema y para terminar (queridos lectores) quiero compartir con ustedes mi próximo proyecto: voy a comprarme una camisa arlequinada.

(*El País – Porque lo digo yo*: 14 de junho de 2016)

(11)

Bello y manchego**Las personas que somos guapas nos vemos a menudo en la obligación de justificar nuestra hermosura y dejar claro que somos, también, inteligentes**

En una entrevista que leí recientemente, la modelo Irina Shayk decía que en su caso la belleza estaba en el carácter. Como persona bella, entendí por dónde iba, leí entrelíneas. Las personas que somos guapas, pero guapas, guapas, nos vemos a menudo en la obligación de justificar nuestra hermosura y dejar claro que somos, también, inteligentes y buenas personas, y que, además, no damos importancia al hecho de ser hermosos y que por lo tanto los demás tampoco deben. Pero somos conscientes que esto no es así: en muchos casos nuestra beldad se percibe como una ofensa, un agravio... ¡No se hacen idea ustedes queridos lectores (a los que imagino normales en la mayoría de los casos, con excepción de algún “resultón”) lo duro que puede llegar a ser! En mi caso (y en el de muchos de mis compañeros de preciosura, porque esto lo tenemos hablado), tengo que soportar cómo, permanentemente, se pone en duda mi aspecto: que si me he operado los labios, que si me he hecho un *lifting*, que cómo puede ser que tenga estas piernas tan bien torneadas... En sus caras puedo leer una mezcla de escepticismo y envidia cuando, con toda la humildad del mundo, les contesto que es genético. Que nací así y que estoy perfecto con la cara lavada. Y eso es casi lo que más les molesta: que hagamos lo que hagamos estamos deslumbrantes. Llegados a este punto, son dos los mensajes que quiero lanzar:

Uno. Si no son gallardos no se esfuerzen por parecerlo. La belleza no es para quien la trabaja.

Dos. Trátennos con dignidad a las personas que estamos *to* buenas, nosotros no tenemos la culpa de ser así.

(*El País – Porque lo digo yo*: 11 de julho de 2016)

(12)

Carta abierta a mi primo**Encuentro encantador el ruido que haces al masticar, y que una vez terminada la pitanza no hagas siquiera el gesto de echarle la mano a la cartera**

Hace unos meses, mi tía Carmen me pidió que ayudara a mi primo José Manuel. “Está pasando una mala época: se ha separado de la Yoli, no encuentra trabajo de lo suyo, le ha salido un padrastro... se le ha juntado todo”. “Y, ¿qué quieres que haga yo?”, le dije. “Llévatelo de gira contigo —me contestó—, que sea tu *personal assistant*”. Me sorprendió esa palabra saliendo de la boca de mi tía. Le dije que sí, claro, y ahora es genial porque estamos con los culos juntos todo el día. Permittedme que plasme esta felicidad en una carta abierta.

Querido primo:

¡Qué contento estoy de tenerte a mi lado! Aunque me esfuerce, no te encuentro ningún fallo. Me gusta, cuando estamos en un restaurante, que antes de que nos traigan la carta ya te hayas zampado el pan a pellizcos —por cierto, aprovecho para decirte que TU pan es el de la izquierda—. También encuentro encantador el ruido que haces al masticar, y que una vez terminada la pitanza no hagas siquiera el gesto de echarle la mano a la cartera. Me agrada también que, cuando me piden una foto y me ves dudar, me digas gritando: “¡Venga Joaquín! ¡Hazte la foto! ¡Es el precio de la fama!”. Y también que te ofrezcas a hacerlas y que alargues el asunto, preocupado porque no estemos a contraluz o desenfocados o movidos y que siempre hagas dos por si acaso. Te agradezco esos momentos que me brindas. En fin... seguro que me dejo cosas en el tintero, es imposible abarcarlo todo, pero espero que con esto te hagas una idea.

Un abrazo de tu primo.

Pd: Si te invade la morriña, no dudes en volver a tu casa. Yo lo entendería.

(*El País – Porque lo digo yo*: 21 de noviembre de 2016)